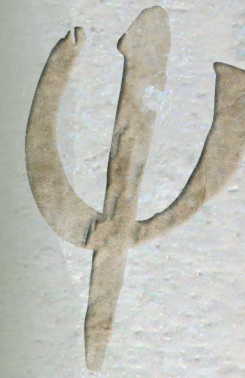


CIÚME NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES: QUESTÕES DE GÉNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Cristina Maria dos Santos Fernandes



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CIÚME NAS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES: QUESTÕES DE GÉNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Cristina Maria dos Santos Fernandes
Orientação: Prof.^a Doutora Madalena Melo

Mestrado em Psicologia
Área de especialização: Psicologia da Educação

Évora | 2013



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Psicologia
Especialização em Psicologia da Educação

**Ciúme nas relações amorosas de adolescentes: Questões de género e
orientação sexual**

Cristina Maria dos Santos Fernandes

Orientador/a:
Prof.^ª Doutora Madalena Melo

”

Évora, março 2013

Para ti mãe, porque sempre acreditaste e me fizeste acreditar...

Para os meus avós que tornaram possível...

*“Oh, tende cuidado com o ciúme.
É um monstro de olhos verdes, que zomba da carne de que se alimenta.(...)
Mas, oh! Que minutos danados conta aquele, que, apaixonado, duvida;
que suspeita e todavia profundamente ama!”*

Othello (Shakespeare)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, e como não poderia deixar de ser, obrigada à Professora Madalena Melo, por todo o apoio, pelas zangas que me fizeram crescer, pelo tempo que não tinha e me deu, por acreditar em mim, e por tantas outras coisas que não terei espaço para referir.

Um obrigado muito especial a todos/as participantes do estudo, bem como aos Diretores e Docentes das Escolas Secundárias e da Universidade de Évora. Não esquecendo as Associações de jovens LGBT, bem como os/as jovens que pertencem às mesmas, um obrigada muito especial.

Um agradecimento mais que especial à minha Mãe, Bá, Avô e Mano, a minha família que sempre esteve ao meu lado, que sempre acreditou nas minhas capacidades, que sempre me deu força para continuar e que nunca me deixou sem um mimo, ou uma palavra que faziam milagres nos piores momentos. Obrigada a todos, tenho-vos para sempre no meu coração.

Ao meu namorado Daniel, que aturou todas as birras e loucuras de quem escreve uma tese, mas sempre com um sorriso na cara, e uma palavra de força. Obrigada por estares sempre ao meu lado e por me apoiares em todos os momentos.

Às minhas afilhadas, Diana e Adelina, que acompanharam grande parte do meu percurso académico, que cresceram durante estes últimos cinco anos ao meu lado, e me fizeram crescer muito. Começámos pela tradição, continuamos pela amizade. Obrigada pelo apoio, pelos cafés, pelas conversas.

À Nídia e à Isa, que sempre fizeram parte da minha vida, e sempre me ajudaram. Obrigada pela vossa amizade e amor.

Obrigada à irmandade: Petra, Cláudia, Zé e Rui. Comecei ao vosso lado, aguentámos muito juntos, e não poderia deixar de vos agradecer por tudo.

À Joana Martins, que me ensinou a crescer e a olhar o mundo de outro ponto de vista, obrigada pela tua alegria, vontade e esforço.

Obrigada à Ana Luísa, sem ti nunca seria possível. Um grande obrigada.

Por último, mas não menos importante, um obrigada à equipa APF Alentejo, Rita, Sara e Luís. Obrigada por acreditarem, por me obrigarem a continuar e por referirem várias vezes "Cristina faz a tese!".

Obrigada a todos os que fizeram parte da minha vida, obrigada a todos os que acreditaram, e aos que não acreditaram, de certeza que de alguma forma o vosso contributo me fez crescer e ser o que sou hoje.

Ciúme nas relações amorosas de adolescentes: Questões de género e orientação sexual

Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender as diferenças de ciúme, relativamente ao género e à orientação sexual, nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as. Foi criado um questionário (QCRAA) que pretende avaliar aspetos do ciúme presentes nas relações amorosas - Preocupação, Controlo do Comportamento e Comportamentos de Investigação e Agressão. Através da aplicação do QCRAA a 316 jovens, foram comparados os resultados encontrados tendo em conta o género, a orientação sexual, o nível de ensino e a estabilidade da relação amorosa, bem como exploradas as relações entre os aspetos do ciúme referidos anteriormente e o tempo da relação amorosa

Os resultados sugerem que as raparigas possuem mais comportamentos de investigação e agressão, e que os níveis de preocupação nas relações amorosas dos/as jovens variam conforme a estabilidade da relação, sendo mais elevados quando a relação não é estável. Relativamente às restantes variáveis, não são encontradas diferenças significativas.

Palavras-chave: Ciúme; Relações Amorosas; Adolescentes; Orientação sexual; Género; Agressão; Controlo do Comportamento; Teorias Evolucionistas; Teorias Socioculturais.

Jealousy in adolescent's romantic relationships: differences in gender and sexual orientation

Abstract

The present study tries to understand the differences in gender and sexual orientation relative to jealousy in adolescents and young adult's romantic relationships. To achieve this goal a questionnaire has been created (QCRAA) that assesses various dimensions related with jealousy in romantic relationships - Concerns; Behavioral Control; and Investigation/Aggression. The questionnaire was administered to 316 adolescents and young adults, and the results have been compared taking account gender, sexual orientation, level of education and relationship stability. The correlations between time in a relationship and the different aspects of jealousy have also been observed.

The results show that young females display more investigative and aggressive behaviors than young males, and that the level of concerns in young romantic relationships varies according to the relationship stability, being higher when the relationship is not stable. No significant differences were found relatively to sexual orientation in adolescents and young adults and level of education.

Key words: Jealousy; Romantic Relationships; Adolescents; Sexual Orientation; Gender; Aggression; Behavioral Control; Evolutionist Theories; Sociocultural Theories

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução.....	1
Parte I - Enquadramento teórico	
1. Adolescência e relações amorosas.....	6
2. Ciúme nas relações amorosas.....	12
2.1 O ciúme: conceitos e definições	12
2.2 Perspetivas teóricas sobre ciúme	16
2.3 Relações amorosas e ciúme.....	18
2.3.1 Do ciúme aos maus tratos	21
3. Ciúme, género e orientação sexual.....	24
3.1 Ciúme e género	24
3.2 Ciúme e orientação sexual	26
Parte II - Estudo Empírico	
4. Objetivos e Questões de investigação	36
5. Metodologia	37
5.1 Participantes.....	37
5.2 Instrumento - Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes	38
5.3 Procedimentos.....	41
5.3.1 Procedimentos de recolha de dados em papel	41
5.3.2 Procedimentos de recolha de dados <i>online</i>	42
5.3.3 Procedimentos de análise de dados	42
6. Apresentação e análise dos resultados obtidos	45
6.1 Análise descritiva da amostra	45
6.2 Análise descritiva dos resultados do QCRAA.	46

6.3 Análise psicométrica	48
6.3.1 Análise fatorial exploratória	48
6.3.2 Análise da consistência interna	52
6.4 Análise dos principais resultados obtidos	52
6.4.1 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - sexo	52
6.4.2 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - tipo de relação (homossexual / heterossexual).....	54
6.4.3 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - estabilidade da relação.....	56
6.4.4 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - nível de ensino	57
6.4.5 Preocupação com a infidelidade emocional ou sexual do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e o tipo de relação (homossexual / heterossexual).....	58
6.4.6 Correlação entre a duração da relação e as dimensões do QCRAA	60
7. Discussão global dos resultados obtidos.....	62
Conclusões gerais	66
Limitações do estudo.....	67
Estudos futuros.....	68
Implicações na intervenção	68
Referências	71
Anexos	78

Introdução

Ao longo da adolescência várias são as mudanças que os/as jovens enfrentam - biológicas, cognitivas, sociais, comportamentais, etc. - passando por uma fase de experiência e descoberta, que em muito irá influenciar as restantes fases da sua vida (Galambos & Costigan, 2003).

De entre todas as modificações que ocorrem durante este período da vida, são de salientar para o presente estudo a crescente capacidade de imaginar futuros papéis sociais, baseando-se tanto no seu pensamento, como na observação dos/as outros/as (Fleming, 1993). São ainda de salientar as mudanças nas relações sociais, visto o/a adolescente começar a dar maior importância às relações com os pares, em detrimento dos laços com os/as progenitores/as, bem com o progressivo estabelecimento de relações íntimas e a construção da intimidade (Erikson, 1968; Fleming, 1993; Kerr, Stattin, Biesecker & Ferrer-Wreder, 2003; Moshman, 2005; Zani, 1993).

Assim, é durante a adolescência que os/as jovens começam a vivenciar as primeiras relações amorosas, podendo estas influenciar em larga escala a vivência das mesmas ao longo da vida, bem como os papéis que os/as jovens poderão desempenhar nas mesmas (Berger, McMakin & Furman, 2005; González-Ortega, Echeburúa & Corral, 2008; Karney, Beckett, Collins & Shaw, 2007b).

Durante a vivência destas primeiras relações amorosas os/as jovens começam a idealizar e compreender o amor de uma forma distinta, sendo uma das fases mais importantes para o posterior desenvolvimento deste tipo de relações na vida adulta (Rodríguez, Sánchez & Alonso, 2006). Mas, é também nesta fase que os/as jovens aceitam com maior facilidade comportamentos abusivos e agressivos por parte dos/as parceiros/as amorosos, acreditando na maioria das vezes que estes são demonstrações de afeto e amor (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006).

Estes comportamentos abusivos e agressivos nas relações amorosas que se desenvolvem durante a adolescência, têm na maioria das vezes o ciúme como sentimento despoletador, sendo desta forma interpretados, não só pelos/as jovens como pela sociedade, como demonstrações de amor, visto o ciúme ser encarado como um sentimento necessário nas relações amorosas (López & Rodríguez, 2008; Rodríguez et al., 2006; White, 1981).

O ciúme nas relações amorosas leva muitas das vezes a comportamento agressivos e/ou abusivos para com o/a parceiro/a, tais como: controlo do

comportamento do/a outro/a, proibições, chantagens, ameaças, insultos, etc. (Edalati & Redzuan, 2010; González-Ortega, et al., 2008; Nascimento & Cordeiro, 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez, Ortega, Ortega & Viejo, 2008). Estes comportamentos tendem a ser ignorados bem como as suas consequências, levando muitos/as jovens a interpretá-los como pouco relevantes desconsiderando o mal-estar causado pelos mesmos (Rodríguez et al., 2006).

Com o aumento do recurso a redes sociais e telecomunicações, principalmente por parte dos/as jovens, os comportamentos que derivam do ciúme têm também aumentado, o que leva a uma procura contínua de informações sobre o/a parceiro/a amoroso/a. Por sua vez esta procura potencia a existência de problemas no casal, exacerbando o ciúme, bem como os comportamentos que dele derivam, criando-se assim um ciclo contínuo (Berger et al., 2005).

Tendo em conta a atual importância das redes sociais para os/as jovens, Muise e colaboradores (2009) desenvolveram um estudo acerca da influência do *facebook* no ciúme e na desconfiança existentes nas relações amorosas de jovens adultos/as. Neste estudo concluiu-se que esta rede social poderá influenciar em larga escala o ciúme, bem como a desconfiança em relação aos comportamentos do/a parceiro/a amoroso/a.

Esta nova vivência das relações amorosas, com base no controlo e excesso de informação sobre o/a parceiro/a amoroso/a, tem levado, por sua vez, a diferenças no tipo de relações amorosas experienciadas pelos/as adolescentes. Atualmente a pesquisa sobre a autenticidade dos comportamentos que o/a parceiro/a diz possuir é feita diariamente através dos meios de comunicação, levando a baixos níveis de privacidade e muitas das vezes a discussões e agressões, por falta de compreensão das situações e/ou más interpretações das mesmas (Muise, Christofides & Desmarais, 2009).

Assim, o ciúme, embora seja um das emoções humanas mais comuns (Carvalho, Bueno & Kebleris, 2008), tem vindo a estar cada vez mais presente nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as, levando muitas vezes a situações asfixiantes, onde existe, ou possivelmente existirá, violência psicológica e mesmo física (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Esta escalada nos comportamentos agressivos que em muito põem em causa a vivência saudável das relações amorosas, poderá manter-se ao longo de vários anos, afetando o bem-estar de ambos/as os/as parceiros/as (Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008).

Desta forma terá extrema importância estudar o ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as, de forma a compreender como este sentimento está presente neste tipo de relações, como se desenvolve, e que diferenças existem na vivência do mesmo.

Neste sentido, a realização do presente estudo pretende compreender o ciúme, bem como a sua vivência, em relações amorosas que se desenvolvem durante a adolescência, principalmente numa fase mais tardia da mesma. Assim, será também um objetivo compreender se este sentimento está presente nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as e se existem diferenças na sua vivência tendo em conta o género, e a orientação sexual.

A pertinência desta investigação prende-se com os escassos estudos sobre ciúme elaborados em Portugal, principalmente em população adolescente / jovem adulta e tendo em conta a orientação sexual dos sujeitos. Através da observação deste fenómeno, será também possível compreender melhor os diversos comportamentos de violência relacionados com o ciúme, nas relações amorosas dos/as adolescentes, bem como o seu desenvolvimento, contribuindo desta forma para a intervenção psicológica neste âmbito.

Relativamente à organização do presente estudo, é de referir que se encontra dividido em duas partes, *enquadramento teórico* e *estudo empírico*. A primeira parte, relativa ao enquadramento teórico, apresenta uma visão alargada dos conceitos subjacentes às relações amorosas dos/as adolescentes, com especial enfoque no ciúme romântico.

O primeiro capítulo compreende uma pequena descrição da adolescência, bem como dos fenómenos que decorrem durante a mesma, tais como: mudanças biológicas e cognitivas, a importância dos pares, e o estabelecimento de relações amorosas durante esta fase da vida. Neste capítulo são ainda apresentadas algumas teorias sobre o desenvolvimento de relações amorosas tendo em conta as fases mais tardias da adolescência e a importância que estas relações podem vir a ter em posteriores fases da vida.

O segundo capítulo centra-se no fenómeno do ciúme, definindo e descrevendo o conceito, bem como apresentando diversas teorias sobre o desenvolvimento do mesmo. Ainda neste capítulo são focadas algumas questões referentes à vivência das relações amorosas durante a adolescência, principalmente no que concerne à vivência de relações violentas justificadas pelo ciúme.

No terceiro capítulo são definidos os conceitos de género e orientação sexual, e descritos diversos estudos sobre o fenómeno do ciúme que têm em conta o género e orientação sexual dos/as participantes. Assim, são abrangidos neste capítulo os conceitos de ciúme, género e orientação sexual, na tentativa de uma melhor compreensão do fenómeno.

Na segunda parte, o capítulo quarto e quinto, dizem respeito à descrição da presente investigação, apresentando as questões e objetivos da mesma, bem como os métodos e procedimentos utilizados.

Posteriormente, no capítulo seis, são apresentados e analisados os resultados obtidos, que levam à posterior reflexão e discussão das conclusões obtidas, descritas no capítulo sete.

Por último são apresentadas as conclusões gerais, nas quais serão também referidas as limitações do presente estudo, apresentadas propostas para estudos futuros, bem como descritas as implicações para a intervenção em psicologia.

Parte 1

Enquadramento teórico

1. Adolescência e relações amorosas

Sabemos que a adolescência é o período compreendido entre a infância e a idade adulta, no qual se podem observar grandes mudanças, quer ao nível físico, quer ao nível psicossocial (Fleming, 1993; Vilar, 2002), sendo uma fase de descoberta de si e do outro (Erikson, 1968; Fleming, 1993).

Através das mudanças biológicas, cognitivas, sociais e comportamentais, e da sua interligação, o/a adolescente começa a descobrir-se, podendo observar-se uma progressiva cristalização dos estilos emocionais e da personalidade, e como estes influenciam o curso de vida do indivíduo (Galambos & Costigan, 2003).

É também neste período que tem lugar o desenvolvimento do pensamento abstrato, sendo que o/a adolescente começa a ter a capacidade de imaginar futuros papéis sociais, tendo para isso em conta várias hipóteses, baseadas tanto no seu pensamento, como no dos/as outros/as (Fleming, 1993), bem como na experimentação dos mesmos em meios que o permitam. Com o desenvolvimento deste tipo de pensamento, os/as jovens começam a tomar consciência da sua individualidade e simultaneamente a construir a sua autonomia (Zani, 1993).

Na adolescência a importância dos pares começa a ganhar peso em detrimento da relação com os/as progenitores/as, mas estas relações estão muitas vezes interligadas, influenciando-se entre si. O grupo de pares é um meio privilegiado para a experimentação dos papéis sociais que os/as jovens começam a imaginar que poderão desenvolver na sua vida, mas a escolha deste grupo tende a ser influenciado pela forma e qualidade das relações estabelecidas com os/as progenitores/as, escolhas que por sua vez influenciam as relações dos/as pais/mães com os/as seus/suas filhos/as (Kerr et al., 2003). Embora o grupo de pares ganhe importância nesta fase da vida, principalmente numa fase mais precoce da mesma, são as relações amorosas que se começam a desenvolver, que se apresentam como um dos aspetos centrais na vida social dos/as adolescentes (Bouchey & Furman, 2003).

Os/as parceiros/as amorosos/as são a maior fonte de suporte para a maioria dos/as jovens, sendo com eles/as que despendem a maioria do seu tempo (Furman & Buhrmester, 1992). É ainda no seio destas relações que muitos/as dos/as jovens encontram o sentido de estar com o/a outro/a, influenciando muitas das vezes o processo de construção da autonomia, identidade e intimidade (Bouchey & Furman, 2003).

A construção da autonomia é outra das tarefas importantes da adolescência, estando subjacentes à mesma a construção da identidade e intimidade (Erikson, 1968). Ao longo desta construção, vários são os papéis que o sujeito vai interpretar, sendo por um lado normal a experimentação e confusão durante este período, e por outro, esperado que progressivamente o/a adolescente comece a descobrir-se e afirmar-se enquanto ser individual (Erikson, 1968, Fleming, 1993).

Segundo Erikson (1968), a construção da identidade para os/as adolescentes é, não só a definição de quem são no presente, como a definição de quem serão no futuro. Dando-nos assim uma ideia de que existem construções feitas ao longo da adolescência que tendem a manter-se ao longo da vida adulta, o que vai também ao encontro do sugerido por Moshman (2005), que refere a adolescência como uma primeira fase da vida adulta.

Ao longo desta fase de construção da identidade e intimidade, várias são as relações que os/as jovens desenvolvem, as relações com os pares e com os familiares, as relações amorosas como referido anteriormente, mas também as relações sexuais e as relações de intimidade com o próprio, sendo também uma altura de construção da identidade sexual.

A construção da identidade sexual não é, segundo Moshman (2005), uma descoberta do verdadeiro *eu sexual*, nem uma criação livre de um *eu sexual ideal*, mas sim uma construção que tem por base as inter-relações complexas das disposições sexuais, desejos, categorias e dimensões da sexualidade, destacadas pela cultura do indivíduo em causa. Assim, podemos observar que não será um processo delimitado e facilmente compreendido pelos/as outros/as, mas sim um processo complexo, que tem por base diversas variáveis, podendo, ou não, representar uma vivência difícil para o/a adolescente. Ao longo desta construção é também esperado que o indivíduo passe por várias fases de experimentação, tanto individualmente, como em conjunto com o/a seu/sua parceiro/a amoroso/a (Zani, 1993). Assim, as relações íntimas entre jovens, são uma forma de autoconhecimento e conhecimento do outro, que irão delinear gradualmente a identidade e intimidade sexual adulta (Erikson, 1968; Zani, 1993).

Podemos assim observar que as relações amorosas, bem como a forma como são experienciadas influenciam em larga escala, não apenas o desenvolvimento dos/as jovens, como também as posteriores fases da vida. Desta forma torna-se essencial perceber e observar este tipo de relação durante a adolescência.

É na adolescência que os/as jovens começam a sentir necessidade de criar ligações íntimas com o/a outro/a, e que se começam a estabelecer as primeiras relações amorosas (Rudman & Glick, 2008; Karney, Beckett, Collins & Shaw, 2007a). É ainda de sublinhar que embora muitas vezes estas relações tenham curta duração não deverão ser vistas como pouco relevantes, pois estão na base de sentimentos, pensamentos e comportamentos extremamente importantes para o/a adolescente (Berger et al., 2005; Karney et al., 2007 b). Podemos observar a importância das relações amorosas para os/as jovens, pela forma como os/as mesmos/as vivem e sofrem com o seu desenvolvimento e/ou término, que muitas das vezes levam a problemas mais complexos como: violência, depressão, suicídio, etc. (Karney et al., 2007 a).

Tendo em conta as diferenças nas relações amorosas ao longo da adolescência, Connolly e Goldberg (1999, *In* Karney et al., 2007a), referem que as relações amorosas dos/as adolescentes mais “novos” são caracterizadas por *atração física*, tendendo este ênfase a atenuar-se nos últimos anos da adolescência quando os/as jovens começam a valorizar a intimidade e o compromisso. Igualmente, o tempo despendido com estas relações é gasto - numa fase inicial da adolescência - a pensar sobre o/a outro/a, enquanto numa fase mais tardia é realmente despendido na presença do/a parceiro/a amoroso/a.

Outra das diferenças existentes entre as várias fases da adolescência relativamente às relações amorosas é a forma como os/as jovens as caracterizam (Feiring, 1999, *In* Karney et al., 2007a), sendo que em fases mais precoces deste período da vida, as raparigas acreditam que as relações amorosas são importantes mas não são tudo na vida; que os “romances” devem ser heterossexuais; e que uma rapariga não deve ter sentimentos por um rapaz que já tem namorada (Karney et al., 2007a). Enquanto em fases mais tardias da adolescência, a maioria das descrições das relações amorosas tendem a citar ciúmes e preocupações com compatibilidade dos/as parceiros/as, sendo as raparigas as que mais mencionam questões de compatibilidade, reciprocidade e ciúmes (Karney et al., 2007a).

Podemos também observar que para os/as adolescentes mais novos, os aspetos mais importantes para um/a potencial parceiro/a têm em conta características mais superficiais, enquanto para os universitários, as características mais importantes tendem a ser os planos futuros e os sentimentos mútuos (Karney et al., 2007a). Parecem ainda existir diferenças, não só nas vivências, mas também nas crenças acerca das relações amorosas, entre os 15 e 16 anos (fase inicial da adolescência -

adolescentes) e os 25 anos (fase final da adolescência e início da vida adulta - jovens adultos/as) (Karney et al., 2007a).

Por último, a percentagem de adolescentes que relata ter uma relação amorosa parece também aumentar com a idade, sendo que os laços criados tendem também a ser relatados como mais fortes entre jovens adultos/as, e as relações mais intensas existindo uma crescente interdependência.

Estas diferenças demonstram que a adolescência apresenta fases diferenciadas, e que estas têm de ser tidas em conta quando observamos as relações amorosas dos/as jovens.

Parece então que as relações amorosas tendem a tornar-se mais duradouras ao longo do desenvolvimento, ganhando importância com o avançar da idade. Podemos também observar que as relações numa fase tardia da adolescência parecem apresentar-se como mais estáveis tanto para os/as jovens, como para os seus/suas amigos/as e familiares, e os padrões nelas desenvolvidos tendem a manter-se ao longo da vida. Assim, o estudo do ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes, bem como o seu desenvolvimento e manutenção, parece ter maior importância numa fase tardia da adolescência, onde as relações começam a ser encaradas como mais estáveis (Karney et al., 2007a). É também nesta fase do desenvolvimento que se começa a idealizar o amor, sendo também um momento propício a tolerar determinadas relações abusivas, devido à vivência exacerbada dos sentimentos e à ideia de que é necessário existir sofrimento para se conseguir encontrar a “pessoa certa” (Nascimento & Cordeiro, 2008; Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006).

Tendo em conta a relevância das relações amorosas para os/as adolescentes, não poderemos deixar de falar da importância do “amor” e da sua compreensão durante esta fase da vida. Segundo Rudman e Glick (2008) o amor romântico é uma ligação intensa formada entre duas pessoas que estão apaixonadas, e inclui sentimentos de querer fundir-se com o/a outro/a, atração sexual e o desejo de proteger o/a outro/a.

Estar apaixonado é, talvez mais do que qualquer outra coisa, estar quase sempre a pensar na amada ou no amado. Durante o pequeno-almoço, no trânsito, no trabalho, nas aulas, no ginásio, em frente à televisão e quando se está a tentar adormecer, a mente escorrega por vezes sem conta para ele ou ela. Podem ser pensamentos ternos (que saudades!), cómicos (será que gosta

de *croissants?*), angustiados (serei amada/o?), otimistas (seremos felizes), eróticos (quero-o/a!), ciumentos (existe outro/a?) ou mesmo delirantes (mas será que tudo isto está mesmo a acontecer?). (Amado, 2010, pp. 20-21)

Por esta definição pode observar-se a diversidade de contextos e temáticas abrangidas pela paixão, vista como um dos temas centrais no amor (Amado, 2010), a extensão deste tema e a influência do mesmo sobre a vida, não só de adultos/as, como também de adolescentes.

Assim, o amor parece ser o elemento mais poderoso e importante das relações amorosas (Retana & Sánchez, 2005) podendo nem sempre ser compreendido pelos/as adolescentes, mas sendo muitas vezes referido como algo pelo qual se tem de sofrer para alcançar a felicidade. Parecem então ser comuns as interpretações erradas do que são relações amorosas saudáveis - sendo muitas das vezes estas interpretações baseadas no conceito de amor - o que leva muitos/as jovens a experienciar maus tratos e sofrimento nas relações amorosas, mantendo-se estes por largos períodos de tempo, devido às crenças desadequadas no amor (Bouchev & Furman, 2003; Retana & Sánchez, 2005).

Os/as jovens poderão ser os mais afetados por crenças erróneas sobre o que é o amor, e como se deverá sofrer para atingir a felicidade quando existe amor, visto não terem vivido muitas experiências amorosas, existindo uma tendência para aceitar comportamentos controladores e agressivos por parte do/a parceiro/a amoroso/a, implicando sofrimento (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Estes padrões poderão assim manter-se ao longo de vários meses ou anos, trazendo consequências devastadoras para os/as jovens e jovens adultos/as (Retana & Sánchez, 2005). Segundo Wolfe e Feiring (2000), 25% dos/as adolescentes são vítimas de violência no namoro, e este tipo de vitimação parece manter-se ao longo dos anos em relações amorosas mais duradouras e estáveis.

Desta forma, a importância da prevenção de comportamentos desadequados, ou mesmo de risco, tem extrema importância durante este período, podendo vir a ditar os comportamentos adotados nas posteriores fases da vida. Terá então extrema importância avaliar e compreender como os/as jovens vivenciam as suas relações amorosas e quais as consequências destas experiências para o seu bem-estar.

Será extremamente relevante observar fenómenos preocupantes, como o ciúme, nas relações adolescentes, principalmente numa fase mais tardia das mesmas, onde se supõe existir uma maior compreensão do/a outro/a na relação, bem como dos

direitos do/a mesmo/a, e uma maturação relativamente às relações íntimas e interpessoais.

2. Ciúme nas relações amorosas

2.1 O ciúme: conceitos e definições

O ciúme é uma das emoções humanas mais comuns, sendo citado na literatura, há já vários séculos, como existente em vários tipos de relações interpessoais, de entre as quais as relações amorosas (Carvalho, et al., 2008). Mas esta não será uma emoção primária, sendo despoletada e influenciada pela situação, pela pessoa e pela relação existente (Bringle & Buunk, 1985 *In* Rydell & Bringle, 2007). O ciúme poderá ser sentido desde uma idade muito precoce até ao final da vida, e tendo em conta diferentes pessoas: progenitores, familiares, cuidadores, amigos, parceiros amorosos, etc (Edalati & Redzuan, 2010; Kolak & Volling, 2011; Mullen & Martin, 1994; Parker, Low, Walker & Gamm, 2005; Schakelford, et. al, 2004; Scheinkman & Werneck, 2010). O tipo de ciúme mais relevante para o presente trabalho será aquele que é sentido em relação a um/a parceiro/a amoroso/a – ciúme romântico – e durante o período da adolescência tardia. Nesta fase da vida, e visto a maioria das emoções ser vivenciada de forma exacerbada, o ciúme romântico, quando experienciado, poderá alcançar altos níveis, mas ser percebido como algo comum, e até como uma verdadeira demonstração de amor (Rodríguez et al., 2006).

Esta emoção é bastante complexa, o que dificulta a sua definição, mas segundo Marazziti e colaboradores (2003), podemos referi-la enquanto percepção de ameaça de perda de uma relação importante para uma rival real ou imaginário, sendo uma condição heterogénea que vai desde a normalidade à patologia, possuindo diferentes graus de intensidade, persistência e “*insight*”.

Embora existam várias definições concretas, e em alguns pontos distintas da citada anteriormente, poderemos dizer que esta abarca a maioria das variáveis tidas em conta no conceito de ciúme, e será desta forma um bom resumo do conceito em questão. Outra das ideias centrais ao ciúme é, segundo Carvalho e colaboradores (2008), a infidelidade, podendo ser apontada como um dos fatores que poderá estar na base do seu desenvolvimento.

O ciúme romântico parece, na maioria das vezes, acontecer tendo em conta a existência de um terceiro elemento, real ou imaginário, na relação amorosa, pondo a mesma sob ameaça. Segundo Scheinkman e Werneck (2010), o sujeito que sente ciúme tende a ficar extremamente obsessivo e preocupado com a “terceira” pessoa na relação amorosa. Para lidar com a ansiedade sentida, o/a parceiro/a que sente ciúme, pode apresentar-se mal-humorado/a, inquisidor/a ou mesmo agressivo/a, acontecendo

normalmente uma ascensão que promove frustração, afastamento e até mesmo violência (Scheinkman & Werneck, 2010). As autoras referem ainda que esta terceira pessoa poderá ser um/a parceiro/a amoroso/a, um/a amigo/a, um/a familiar, um/a ex-marido/mulher, um/a filho/a de uma relação anterior, um “amor antigo”, ou alguém do passado, que despoleta sentimentos de exclusão e traição, mas o objeto de ciúme poderá também ser um *hobbie*, um animal, a internet, a pornografia, ou qualquer outro que tenha interesse para o/a parceiro/a e que o/a faça despender tempo.

Tal como referido anteriormente, o ciúme romântico poderá manifestar-se a vários graus – desde a normalidade à patologia – e ser despoletada por diversas causas. Marazziti e colaboradores (2003) referem que embora esta distinção possa ser na maioria das vezes difícil de definir, é facilmente reconhecível. O ciúme patológico distingue-se do ciúme “normal” pela sua intensidade e facilidade de leitura das respostas emocionais, ou pelo leque de respostas razoáveis e objetivas (Marazziti, et al., 2003). Podendo ser uma reação a uma ameaça à relação – ciúme reativo – um sintoma associado a uma condição orgânica/tóxica (ex: alcoolismo) ou a algumas perturbações psiquiátricas (ex: perturbação obsessivo-compulsiva) (Marazziti et al., 2003).

Segundo alguns autores será ainda importante diferenciar ciúme reativo (*reactive jealousy*) de ciúme por suspeita (*suspicious jealousy*). O ciúme reativo – caracterizado por sentimentos de raiva, medo e tristeza (Sharpsteen & Kirkpatrick, 1997, *In* Rydell & Bringle, 2007) – acontece quando na realidade existiu uma *transgressão* por parte do parceiro, que violou algumas das regras estabelecidas na relação. Por outro lado, o ciúme por suspeita - caracterizado por ansiedade, dúvida, suspeitas infundadas, insegurança própria e na relação – acontece quando as respostas emocionais derivam de pequenas pistas, muitas das vezes infundadas, que podem despoletar o ciúme, não existindo uma ameaça real à relação (Rydell & Bringle, 2007).

Para além desta visão bidimensional do ciúme existem outras, as unidimensionais, referidas anteriormente, mas também as tridimensionais. Esta última pressupõe que o ciúme poderá ser dividido em três tipos – reativo, preventivo e “*self-generated*” – consoante os diferentes antecedentes e as várias manifestações do ciúme (Buunk, 1991 *In* Rydell & Bringle, 2007). Nesta visão a definição de ciúme reativo será a mesma que na visão bidimensional, enquanto que o ciúme preventivo terá em conta a perceção de que o/a parceiro/a amoroso/a sente interesse por um terceiro elemento – podendo funcionar como preventivo visto o indivíduo que sente

ciúme atuar de forma a que o/a parceiro/a não tenha oportunidade de concretizar o seu interesse – por outro lado o tipo *self-generated*, é caracterizado por preocupações obsessivas sobre o que poderá acontecer fora da relação, sem que existam pistas acerca desta atividade (Buunk, 1991, *In* Rydell & Bringle, 2007).

Tendo em conta os vários tipos de ciúme referidos pelos diferentes autores, e as diferentes definições subjacentes ao conceito de ciúme romântico, podemos observar que este sentimento, embora não se assuma como emoção primária, é bastante comum ao ser humano, mas não poderá ser entendido como algo estático e linear. Neste estudo será tida em conta uma visão dinâmica e multidimensional do ciúme, visto este possuir diferentes manifestações – emocionais, comportamentais, cognitivas – e ter por base diferentes causas, endógenas ou exógenas – estado mental do próprio, parceiro/a, tipo de relação, etc.

Assim, no presente estudo considerou-se relevante ter em conta as seguintes dimensões do ciúme: *Preocupação; Controlo do comportamento; Agressão e Investigação*.

A dimensão *Preocupação*, parece estar na base de quase todos os tipos de ciúme, não sendo o ciúme romântico uma exceção. A preocupação que determinado indivíduo sente sobre os comportamentos, pensamentos e sentimentos, reais e/ou imaginários, do/a companheiro/a, o tempo que despende com estas preocupações, a forma como estas influenciam a relação e a sua vida, é uma das formas de compreender se existe ciúme romântico, e qual o grau em que este se manifesta (Marazziti et al., 2003; Rydell & Bringle, 2007). A preocupação poderá ainda influenciar em larga escala a vivência da relação amorosa, tanto pelo indivíduo que a sente, como pelo/a seu/sua parceiro/a, levando muitas das vezes a situações de violência, e/ou ao final da relação amorosa (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006).

O *Controlo dos Comportamentos* é outra das dimensões do ciúme tida em conta no presente estudo. Este tipo de controlo é muitas das vezes uma forma de violência sobre o/a parceiro/a, que poderá estar na base do desenvolvimento de relações violentas, que poderão manter-se ao longo da vida. Sabemos que a violência conjugal segue normalmente um ciclo que tem início na violência psicológica, tentando o/a agressor/a por vários meios baixar a autoestima da vítima - através de insultos, controlo dos seus comportamentos, roupas, relações, etc. - para que esta acate posteriormente agressões de grau superior (em termos de intensidade e danos) (Silva, Coelho, & Caponi, 2007). Este tipo de controlo do comportamento, é muitas das vezes, interpretado pela sociedade como forma de demonstrar amor e carinho (López &

Rodríguez, 2008; Rodríguez et al., 2006; White, 1981), o que leva também muitas das vítimas a aceitá-lo e justificá-lo como sinal de preocupação e afeto, desconsiderando o mal-estar causado pelo mesmo (Edalati & Redzuan, 2010; González-Ortega et al., 2008; Nascimento & Cordeiro, 2008). Desta forma torna-se extremamente importante avaliar o controlo do comportamento existente nas relações amorosas dos/as adolescentes, de forma a compreender o seu início e desenvolvimento, bem como a prevenir que tais comportamentos se mantenham e/ou desenvolvam ao longo das relações amorosas na vida adulta (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006).

A *agressão* é outra das dimensões que consideramos premente observar neste estudo. A importância desta dimensão prende-se com o facto de este tipo de comportamentos ser revelador de violência física e/ou verbal nas relações amorosas, e ser um dos fatores que tende a manter-se, ou mesmo a aumentar, ao longo do tempo, violando a integridade física e/ou psicológica do/a parceiro/a (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Os comportamentos agressivos nas relações amorosas poderão estar, ou não, diretamente relacionados com o ciúme, mas são uma das formas de expressão da violência em relações amorosas, derivando muitas das vezes de situações com base no ciúme romântico (Buunk, Angleitner, Oubaid & Buss, 1996; González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Segundo Rodríguez e colaboradores (2006), a agressão em relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as, é na maioria das vezes mais subtil, apresentando-se essencialmente através de insultos e ou agressões físicas leves, o que leva também a uma aceitação e desconsideração da mesma. A retirada de importância à violência nesta fase da vida, é também preocupante, pois a maioria dos/as jovens não conseguirá prever a escalada nos comportamentos agressivos, permanecendo neste tipo de relações por longos períodos de tempo (González-Ortega et al., 2008), o que poderá levar a situações posteriores de elevado risco para o seu bem-estar físico e psicológico. Desta forma, a agressão adquire extrema importância para este estudo, visto ser um dos fatores que pode ser despoletado pelo ciúme romântico e que em muito poderá influenciar a vida dos/as jovens e jovens adultos/as, quer no presente, quer no futuro.

Os comportamentos de *investigação*, sobre o/a parceiro/a, são outro dos fatores base do ciúme. Este tipo de comportamentos tem normalmente associada uma preocupação face ao/à parceiro/a, resultando esta numa atitude de pesquisa de forma a compreender se este/a tem os comportamentos e atitudes que refere ter, e/ou que

são esperados pelo indivíduo (Marazziti et al., 2003; Carvalho et al., 2008; Muise et al., 2009). Esta dimensão está ainda relacionada com a utilização da tecnologia para contactar com outros indivíduos, e/ou para apresentar determinadas situações à sociedade. Cada vez mais os/as jovens utilizam as redes sociais para contactar entre eles/as, bem como para apresentar determinadas situações, pensamentos e comportamentos aos/às outros/as. Esta utilização das redes sociais adquiriu atualmente um papel determinante nas relações amorosas, pois, segundo Muise e colaboradores (2009), os/as jovens sentem mais ciúmes dos/as parceiros/as quando seguem as suas atividades no *facebook*. Tal deve-se, na maioria das vezes, à falta de contexto dos eventos que são relatados nas redes sociais, aumentando assim a desconfiança devido à falta de compreensão da situação (Muise et al., 2009). Os comportamentos de investigação - através de pesquisas nas redes sociais, nas telecomunicações, ou através de confirmação de informação junto de amigos/as - poderão levar a situações desconfortáveis para ambos/as os/as parceiros/as, pois demonstram falta de confiança no/a outro/a, adquirindo muitas das vezes um carácter de invasão da privacidade do/a outro/a. Assim, e visto este ser um dos fatores relacionado com situações de ciúme romântico, será importante observar se o mesmo acontece em parceiro/as amorosos/as jovens e jovens adultos/as, levando a uma melhor compreensão do fenómeno.

2.2 Perspetivas teóricas sobre ciúme

Embora as causas do ciúme possam ser diferenciadas, existem teorias que interpretam o início e desenvolvimento deste. Estas teorias dividem-se essencialmente em dois tipos, evolucionistas – ligadas às explicações biológicas do ciúme romântico e à sua funcionalidade – e sociais ou socioculturais – ligadas à aprendizagem social e às regras estabelecidas pela sociedade.

As teorias evolucionistas defendem o ciúme como mecanismo inato e sinalizador, que visa diminuir a infidelidade, sendo entendido como uma reação a uma ameaça, seja esta real ou imaginária (Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Carvalho et al., 2008). Assim, assumem o papel adaptativo do ciúme romântico – visto ser promotor de funcionalidade em relacionamentos amorosos – e a sua universalidade, embora sublinhem as diferenças existentes tendo em conta o sexo do indivíduo (Buss, 1989; Buss, 1995; Buss et al., 1992; Marazziti et al., 2003).

Devido à explicação biológica que esta perspetiva tem por base, os estudos realizados por estes autores incidem principalmente nas diferenças de sexo. Partindo

do princípio que esta emoção tem uma função adaptativa, admitem que o ciúme em relações amorosas tem como propósito uma defesa antecipatória a quaisquer sinais de infidelidade, e que será experienciado e sentido, conforme as necessidades das mulheres ou dos homens, ligadas à reprodução da espécie (Buss, 1989; Buss, 1995; Buss et al., 1992; Marazziti et al., 2003). Assim pressupõem que o ciúme sentido pelas mulheres terá por base a infidelidade emocional, visto o envolvimento romântico do parceiro estar ligado a uma perda deste na relação, pondo assim em causa a presença do pai aquando do nascimento e criação dos filhos (Buunk et al., 1996; Buss et al., 1992; Shackelford et al., 2004). Por outro lado, assumem a importância da infidelidade sexual para os homens, visto esta ameaçar a paternidade dos mesmos, admitindo que para o homem a paternidade “biológica” depende da fidelidade sexual da mulher, visto ser esta quem gera “internamente” os descendentes (Buss et al., 1992; Buunk et al., 1996; Shackelford et al., 2004).

As teorias socioculturais, por sua vez, sublinham a importância da aprendizagem social - resultante de atitudes e comportamentos reforçados, ou não; da educação e da cultura da sociedade em que o indivíduo se insere - na influência da adoção de atitudes e comportamentos (Sviatopolk-Mirsky, Jurberg & Jurberg, 2002). Nesta perspectiva os autores referem que não só a adoção de comportamentos de ciúme consoante o sexo, como também a sua própria definição, depende da sociedade e cultura na qual o indivíduo se insere (Marazziti et al., 2003; Sviatopolk-Mirsky et al., 2002). Estes autores também afirmam existirem diferenças de sexo, mas atribuem tais diferenças aos diferentes papéis de género existentes na sociedade e que a mesma cria e alimenta (Sviatopolk-Mirsky et al., 2002).

Será ainda importante referir que atualmente os resultados alcançados por ambas as perspectivas nos demonstram que existem influências quer biológicas, quer socioculturais no ciúme romântico. Podendo este sentimento ser despoletado por fatores internos ou externos ao indivíduo, sendo desta forma quase impossível perceber se o ciúme romântico não patológico, que determinado indivíduo apresenta, se deve a uma predisposição biológica do mesmo, se será resultado de experiências anteriores, de aprendizagens sociais, ou do próprio relacionamento em questão. Assim, embora segundo as perspectivas evolucionistas as diferenças de género no ciúme romântico se devam a fatores internos (biológicos) aos indivíduos, relacionados com a evolução e manutenção da espécie, as perspectivas socioculturais trazem-nos uma visão do ciúme romântico como um sentimento “aprendido”, que poderá modificar-se através de aprendizagens sociais e culturais, sendo a sua expressão e

grau influenciados por punições ou reforços do mesmo nos diversos contextos nos quais o indivíduo se insere. De qualquer forma, será importante referir, que a percepção do ciúme, tal como do seu grau, pode variar consoante a sociedade e cultura na qual o indivíduo está inserido, devido à pressão e reforço que poderão ou não existir face a tal sentimento, seja o seu início despoletado por fatores internos ou externos ao indivíduo.

Em resumo podemos dizer que, segundo as perspetivas evolucionistas, o ciúme desenvolve-se devido a fatores internos aos indivíduos e tem como função regular aspetos de ordem biológica e social da paternidade e maternidade, promovendo a funcionalidade nos relacionamentos amorosos (Buss, 1995; Buss et al., 1992; Marazziti et al., 2003).

Por outro lado as teorias socioculturais, sublinham a importância do contexto no qual os indivíduos se inserem, para o desenvolvimento e manutenção do ciúme (Marazziti et al., 2003; Sviatopolk-Mirsky et al., 2002). Desta forma, e visto na sociedade e cultura ocidentais este sentimento se apresentar como necessário nas relações amorosas, poderá inferir-se que, segundo esta perspetiva, o ciúme possua uma função de suporte e manutenção das relações amorosas, sendo parte integrante das mesmas, embora existam diferenças associadas ao género e aos níveis de ciúme apresentados por cada indivíduo.

Tendo em conta qualquer uma das teorias - biológicas ou socioculturais - que analisam o desenvolvimento e função do ciúme nas relações amorosas, poderemos concluir que o ciúme romântico é um dos sentimentos presente e que em muito influencia o estabelecimento e manutenção de relações amorosas mais, ou menos disfuncionais, sendo desta forma extremamente relevante na compreensão das mesmas. Visto este sentimento ser socialmente aceite, e até esperado pelos adolescentes nas suas relações amorosas, deverá ser uma das características observadas quando se analisam as relações amorosas durante esta fase da vida.

2.3 Relações amorosas e ciúme

O ciúme nas relações amorosas, tal como os comportamentos que deste derivam, podem ser preditores de relações asfixiantes, ou mesmo violentas, podendo levar ambos/as os/as parceiros/as a experiências que em nada demonstram amor e afeto, e que em muito influenciarão o seu bem-estar, não só na relação amorosa, como na sua vida (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006).

Muitas das vezes, comportamentos que têm por base sentimentos e/ou pensamentos de ciúme, são interpretados pela sociedade como demonstrações de amor, chegando até a existir um reforço dos mesmos (López & Rodríguez, 2008; Rodríguez et al., 2006; White, 1981). Este tipo de interpretação leva muitas das vítimas a aceitar comportamentos de controlo; chantagens; proibições; ameaças e insultos, como sinais de preocupação e afeto, ignorando o mal-estar que estes as fazem sentir (Edalati & Redzuan, 2010; González-Ortega et al., 2008; Nascimento & Cordeiro, 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008).

Durante vários anos as preocupações sobre este tipo de comportamentos apenas recaíam sobre relações amorosas que se desenvolviam na vida adulta, pois as relações de adolescentes e jovens adultos/as eram vistas como pouco duradouras, e com um baixo nível de compromisso, nas quais a violência se apresentava muito raramente (Sánchez et al., 2008). Atualmente sabemos que as relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as, tendem a consolidar-se ao longo do tempo, adquirindo na maioria das vezes um cariz duradouro, com um maior nível de intimidade e compromisso, nas quais muitas das vezes existe violência psicológica e/ou física (Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008).

A adolescência corresponde a uma fase da vida onde os/as jovens começam a idealizar o amor, onde os sentimentos se apresentam como mais intensos e onde se começam a desenvolver relações amorosas, sendo desta forma um dos períodos mais importantes para o futuro entendimento das mesmas (Rodríguez et al., 2006). Mas é também durante esta fase da vida que os/as adolescentes aceitam com maior facilidade relações abusivas e/ou asfixiantes - caracterizadas por controlo, chantagens, proibições, ameaças e insultos - acreditando que estas são demonstrações de amor (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Esta maior aceitação de relações abusivas por parte dos/as jovens, está na maioria das vezes relacionada com a falta de conhecimento do que é uma relação saudável, bem como com a pouca experiência no que diz respeito à vivência de relações amorosas (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Visto existir pouca experiência e conhecimento, os/as jovens aceitam determinado tipo de comportamentos, visto não terem conhecimento se estes serão ou não esperados e desejados numa relação.

O ciúme patológico, demonstrado através dos comportamentos sufocantes atrás referidos, e através de pensamentos, discursos e ações castradoras dos comportamentos e crenças do/a parceiro/a, poderá apresentar-se não só como preditor de violência nas relações amorosas, mas também como uma expressão de

violência psicológica, e em última análise física (Rodríguez et al., 2006). Segundo Lorente (2001, *In* Rodríguez et al., 2006), embora a sociedade considere, na maioria das vezes, o ciúme como uma demonstração de amor, este é na verdade um mecanismo de controlo da outra pessoa, e que em parte demonstra o medo, a insegurança e a dependência de quem o apresenta.

A aceitação do ciúme nas relações amorosas parece ainda estar ligada a uma idealização do amor romântico, visto como algo no qual a pessoa irá encontrar o sentido da sua vida, e pelo qual se tem de sofrer, fomentando a ideia de que quando há amor tudo se consegue, podendo levar a uma visão da violência como um obstáculo a ser ultrapassado (Nascimento & Cordeiro, 2008; Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Tal pode observar-se na investigação de Rodríguez e colaboradores (2006), na qual 60% dos/as inquiridos/as (jovens entre os 15 e os 23 anos de idade) refere que “o amor pode tudo” (“el amor lo puede todo”), e 17% está totalmente de acordo com a afirmação “os ciúmes trazem paixão à relação” (“Los celos le aportan pasión a la relación”), o que pode levar a acreditar que existe uma minimização dos atos agressivos por parte dos jovens nas relações amorosas, e que estas relações poderão ser pautadas por comportamentos de controlo e exigência, ignorando o respeito mútuo, liberdade e igualdade inerentes a relações saudáveis.

Outra das características extremamente relevante para a vivência e desenvolvimento do ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes serão as referências de apoio que estes/as possuem, e que poderão influenciar a aceitação, ou não aceitação, deste sentimento, e das consequências que o mesmo acarreta às relações amorosas.

Sabemos que os/as amigos/as adquirem um papel fundamental durante a adolescência, sendo estes/as os/as principais “conselheiros/as” dos/as jovens em todos os tipos de assuntos, transformando-se o grupo de pares numa das referências de apoio mais importante nesta fase da vida (Erikson, 1968; Fleming, 1993; Kerr et al., 2003; Rodríguez et al., 2006). Com a decrescente importância dos/as progenitores/as enquanto fonte de apoio, e a crescente importância do grupo de pares, durante a adolescência, observamos que ao longo desta fase da vida os/as jovens recorrem aos/às amigos/as para esclarecer dúvidas em relação a várias temáticas, de entre as quais, as relações amorosas que viveram, vivem e/ou pensam viver. Assim, observamos que os/as amigos/as, que têm as mesmas crenças e atitudes face às relações amorosas, e que muitas das vezes possuem as mesmas dúvidas, serão a principal fonte de informação dos/as adolescentes, podendo levar a um maior

desconhecimento dos comportamentos associados a situações de abuso e/ou violência, minimizando comportamentos que podem ser indicadores de relações problemáticas, e potenciando o desenvolvimento de relações amorosas disfuncionais (Rodríguez et al., 2006).

2.3.1 Do ciúme aos maus tratos

Devido às características das relações amorosas durante a adolescência anteriormente referidas, a vivência de situações abusivas e asfixiantes nestas relações pode desenvolver-se com relativa facilidade e alastrar-se durante longos períodos de tempo, tendo como base crenças distorcidas sobre a vivência saudável das relações amorosas e fontes de apoio que possuem igualmente baixos níveis de conhecimento e compreensão sobre estas temáticas, dificultando assim a sinalização e apoio a este tipo de situações junto dos/as jovens.

Segundo Rodríguez e colaboradores (2006), a aceitação de maus tratos será também influenciada pelos papéis de género definidos pela sociedade para homens e mulheres nas relações amorosas. Aos homens parece ser atribuído um papel de assertividade e racionalidade, podendo levar a uma postura de dominação e controlo nas relações amorosas; enquanto às mulheres será atribuído um papel mais expressivo, relacionado com os afetos e a emoção, o que levará a uma aceitação do comportamento do homem, acreditando que o poderá mudar ao longo do tempo, arrançando formas de desculpar e minimizar os comportamentos abusivos que este apresenta, e acreditando que tudo o que ele faz “é por amor” (Rodríguez et al., 2006). Embora tal teoria apenas contemple relações amorosas em casais heterossexuais, julgamos que tais papéis possam ser assumidos por homens e mulheres, independentemente da sua orientação sexual.

Os papéis de género esperados pela sociedade para homens e mulheres apresentam-se então como um dos fatores que influenciam o início, e manutenção de situações de risco para o desenvolvimento de violência nas relações amorosas, sendo a violência com base no ciúme vista como muito menos negativa que a violência sem justificação por este sentimento (López & Rodríguez, 2008).

Outra das características que poderá influenciar a deteção precoce destas situações será o tipo de violência mais usual entre casais adolescentes. Segundo González-Ortega e colaboradores (2008), a violência em casais mais jovens é normalmente psicológica, sendo mais subtil e menos grave que em casais adultos, o que não será de todo uma característica que leve a uma menor preocupação com a

violência em relações amorosas de adolescentes. Este tipo de violência, psicológica e mais sutil, é muito preocupante, principalmente durante esta fase da vida, visto que a maioria dos/as jovens a observará como algo sem importância, não conseguindo prever a escalada nos comportamentos agressivos que ocorrerá posteriormente, retirando-lhe valor (González-Ortega et al., 2008). As situações de violência em relações amorosas ao longo da adolescência, irão também influenciar a visão do/a adolescente do que é o amor, qual o comportamento mais adequado numa relação e como se comportar na sua intimidade, o que se irá refletir nas suas vivências ao longo da vida adulta (González-Ortega et al., 2008).

Existem também diferenças associadas ao género na violência exercida sobre o/a parceiro/a, podendo observar-se que a violência psicológica - tal como o ciúme - está mais associada às mulheres, enquanto a violência física e sexual está mais associada aos homens (González-Ortega et al., 2008). Segundo Foshee e colaboradores (2007) podemos ainda verificar que os homens agredem de forma a dominar e exercer controlo sobre a parceira - existindo na maioria das vezes uma minimização da importância da sua agressão - e as mulheres agredem como ato de autodefesa em momentos de ira intensa ou como resposta a ações desadequadas por parte do parceiro - sobrevalorizando os seus atos e sentindo-se culpadas pelos mesmos.

Será ainda importante ressaltar que a violência psicológica poderá ser, tão ou mais problemática, que a violência física, acarretando consequências que se poderão manter por vários anos, tanto psicológicas como físicas, e que em muito irão influenciar a vivência das relações amorosas, tal como o bem-estar das vítimas. Neste sentido, González-Ortega e colaboradores (2008), chamam a atenção para a influência que a violência nas relações amorosas nesta fase da vida poderá ter na saúde física e mental dos/as adolescentes, mantendo-se estas consequências ao longo da vida adulta. Embora ainda hoje não se possa referir com certeza que crenças, atitudes e comportamentos, adquiridos durante as primeiras fases da vida se venham a manter ao longo da vida adulta (Karney et al., 2007b), vários autores referem que a violência em casais jovens tende a manter-se, bem como a aumentar o seu nível, sendo desta forma a violência em relações amorosas durante a adolescência um preditor da mesma na vida adulta (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Esta manutenção, e até aumento do nível de violência, ao longo da vida, deve-se ao seu carácter gradual, visto instalar-se progressivamente ao longo da relação, tendendo a agravar-se com o desenvolvimento

da mesma, o que poderá levar os/as jovens a retirar importância e aceitar a violência com carácter mais subtil como necessária na relação, por não serem apresentados comportamentos de violência física (González-Ortega et al., 2008).

Assim, podemos observar que comportamentos violentos em relações amorosas que se desenvolvem na adolescência, poderão manter-se ao longo do tempo, e influenciar, tanto a curto como a longo prazo, a relação amorosa, bem como o bem-estar físico e psicológico de ambos/as os/as parceiros/as, sendo desta forma um dos fatores que deverá receber elevada atenção numa perspectiva de prevenção e compreensão de relações disfuncionais.

Sendo o ciúme um dos sentimentos que se encontra na base do desenvolvimento e manutenção da violência nas relações amorosas de adolescentes e adultos, deveremos então compreender de forma abrangente este sentimento.

Para uma melhor compreensão de como este sentimento irá influenciar, ou não, as relações amorosas desenvolvidas na adolescência será ainda importante observar se este se apresenta de diferentes formas tendo em conta o género e orientação sexual dos/as adolescentes e jovens adultos/as, conseguindo assim analisar de forma mais pormenorizada a sua prevalência e manutenção tendo em conta grupos diferenciados.

3. Ciúme, gênero e orientação sexual

3.1 Ciúme e gênero

Para uma melhor compreensão do presente estudo, será necessário ter em conta as diferenças existentes entre sexo e gênero, pois, embora neste apenas se considere o sexo dos/as participantes, terá extrema importância compreender que estes podem apresentar sexo e gênero diferentes.

Quando falamos de sexo, referimo-nos, na maioria das vezes ao sexo biológico do indivíduo, ditado por fatores genéticos, anatômicos e físicos associados ao homem e à mulher. Assim, a ciência distingue a sexualidade dos homens e das mulheres através de três características físicas: diferenças nos cromossomas - *XX* nas mulheres e *XY* nos homens - nas gónadas ou glândulas sexuais primárias - ovários nas mulheres e testículos nos homens - e na aparência externa dos genitais - vagina e clitóris nas mulheres e pênis e escroto nos homens (Weill, 2009).

Por outro lado quando falamos de gênero, referimo-nos a características comportamentais, culturais e psicológicas socialmente construídas, que expressam feminilidade - associadas à mulher - e masculinidade - associadas ao homem (Morrow, 2009). Este, por sua vez, poderá distinguir-se através de duas características: *identidade de gênero* - percepção interna e externa de identidade do indivíduo enquanto masculino ou feminino, podendo, ou não, existir diferenças entre estas e o sexo biológico; e *papéis de gênero / expressão de gênero* - comportamento do indivíduo tendo em conta os comportamentos típicos, cultural e socialmente esperados para o seu gênero, que podem ou não estar em concordância com o seu sexo (Blakemore, Berenbaum & Liben, 2009; Morrow, 2009; Weill, 2009).

Na última década tem havido um crescente interesse por parte dos investigadores sobre questões de gênero na adolescência, na tentativa de compreender quais os contributos que esta fase da vida tem para o desenvolvimento da identidade de gênero, e por consequência para as restantes fases da vida (Perry & Pauletti, 2011).

Sabemos que desde a infância a maioria das crianças começam a identificar-se com o gênero feminino ou masculino, demonstrando comportamentos e atitudes em conformidade, ou não, com o seu sexo (Martin, Ruble & Szkrybalo, 2002). Segundo Maccoby (1998, *In* Perry & Pauletti, 2011), durante a infância as crianças aprendem diferentes estilos de comportamento que os poderão influenciar mais tarde na vida, mas a adolescência é o período de excelência para a experimentação e consequente

desenvolvimento da identidade, não sendo a identidade de género um caso diferente. De acordo com as investigações de género e adolescência, levadas a cabo nos últimos anos, Perry e Pauletti (2011) referem que não seria surpreendente concluir que a adolescência é uma fase de mediação importante para os fenómenos de género entre a infância e a idade adulta.

Assim, podemos concluir que tanto as mudanças biológicas que têm lugar na adolescência, como as mudanças psicológicas e as experiências levadas a cabo nesta fase da vida, poderão contribuir para o desenvolvimento da identidade de género, sendo que este poderá ou não estar em concordância com o sexo biológico apresentado (Blakemore et al., 2009; Graber & Archibald, 2001; Morrow, 2009; Weill, 2009).

Tendo em conta todas as implicações inerentes ao desenvolvimento da identidade de género, principalmente durante a adolescência, no presente estudo optou-se por considerar o género dos/as participantes tendo em conta o sexo assinalado nos questionários. Tal não demonstra que não existe uma compreensão das diferenças entre os dois conceitos, mas compreendia apenas facilitar aos/às jovens a sua resposta.

Compreendendo as diferenças entre sexo e género, poderemos então observar as diferenças existentes no ciúme tendo em conta o género.

Para observar as diferenças de género face ao ciúme romântico poderemos ter em conta diversas perspetivas, tal como referido anteriormente.

Uma das teorias mais conhecidas na observação deste fenómeno tendo em conta o sexo (masculino e feminino) é a teoria evolucionista, na qual é defendido que o sexo influencia a intensidade do ciúme em resposta a diferentes tipos de infidelidade (Buss, 1995; Buss et al., 1992). Assim, a perspetiva evolucionista teoriza que os diferentes sexos diferem nos tipos de infidelidade que lhes fazem sentir mais ciúmes, sendo que as mulheres apresentam um grau mais elevado de ciúme face à infidelidade emocional, e os homens face à infidelidade sexual, tendo sido verificada esta hipótese em diversas culturas (Buunk & col., 1996; Buss, 1989; Buss, 1995; Buss & col., 1992; Shackelford & col., 2004).

De qualquer forma a maioria destes estudos tem grandes limitações. Em primeiro lugar visto o sexo ser uma variável independente, podendo estar a ser influenciada por outros fatores “não genéticos” não controlados nestes estudos; em segundo lugar porque se utiliza na maioria das vezes a *escolha forçada* entre duas

respostas para testar estas hipóteses, e por último devido ao possível enviesamento dos resultados pela *double-shot hypothesis* (DeSteno & Salovey, 1996).

A *double-shot hypothesis*, de DeSteno e Salovey (1996), postula que alguns indivíduos acreditam que a infidelidade emocional e sexual não são eventos independentes, podendo assim escolher como mais perturbadora a infidelidade que acreditam implicar mais a ocorrência do outro tipo de infidelidade. Desta forma os estudos referidos anteriormente teriam os resultados enviesados, principalmente em relação às diferenças de género, visto, por exemplo: as mulheres poderem escolher como mais perturbadora a infidelidade emocional, por acreditarem que a ocorrência desta pressupunha a existência, ou futura existência, de infidelidade sexual (DeSteno & Salovey, 1996). Estes resultados são observados segundo uma perspetiva sociocultural, referindo que as diferenças de género encontradas se poderiam dever à influência da cultura relativamente aos papéis de género, ou aos comportamentos, dos homens e das mulheres, mais expectáveis pela sociedade, ou aceites na mesma.

Em concordância com as teorias socioculturais, as diferenças de género face ao ciúme poderão assim ser observadas através de perspetivas do construtivismo social, e dos papéis de género, em função de normas culturais, e não como diferenças sexuais inatas, hipótese corroborada por diversos estudos e autores (Hupka, 1981; Hupka & Ryan 1990).

Outras limitações dos estudos referidos anteriormente poderão ser: as diferenças na interpretação da infidelidade (Dijkstra et al., 2001); e o tipo de escala de medição do ciúme (Sagarin & Guadagno, 2004). Assim as diferenças de género encontradas nos estudos podem dever-se à forma como os/as participantes interpretam a infidelidade nos diferentes géneros, e/ou interpretam os diferentes níveis das escalas de ciúme.

Desta forma parece existir unanimidade face à existência de diferenças de sexo em relação ao grau e tipo de ciúme sentido, embora existam diversas interpretações das causas que geram estas diferenças, sendo assim importante explorar estas questões através de novos estudos.

3.2 Ciúme e orientação sexual

Para a compreensão da presente investigação será ainda de extrema importância ter presente o conceito de orientação sexual.

A definição de orientação sexual está relacionada com um envolvimento emocional, amoroso, e/ou sexual por indivíduos do mesmo sexo, do sexo oposto ou de

ambos os sexos (American Psychological Association - APA, 2012; Weill, 2009). Segundo O'Murray (2002, *In* Oliveira, 2010), será ainda importante distinguir orientação de comportamento, pois nem sempre os indivíduos têm comportamentos em concordância com a sua orientação sexual. De qualquer forma, faz também parte da orientação sexual uma identidade pessoal e social com base nas atrações sentidas, demonstrando certos comportamentos e ligações a comunidades que partilhem a mesma orientação sexual (APA, 2012). Será ainda importante compreender que a orientação sexual é distinta de outros componentes de sexo e género, incluindo o sexo biológico, a identidade de género e os papéis de género (APA, 2012; Morrow, 2009; Oliveira, 2010; Perry & Pauletti, 2011; Weill, 2009).

A orientação sexual é atualmente compreendida, por muitos autores, como um contínuo, desde: *exclusivamente atraído/a por pessoas do mesmo sexo*, a *exclusivamente atraído/a por pessoas do sexo oposto* (APA, 2012), podendo o indivíduo posicionar-se em diferentes locais deste contínuo ao longo da vida (Sanders Reinisch & McWhirter, 1990).

A visão de orientação sexual enquanto contínuo existe desde os trabalhos pioneiros de Alfred C. Kinsey, existindo anteriormente uma visão dicotómica, onde apenas se classificavam os indivíduos como heterossexuais, ou como homossexuais, pois embora alguns autores defendessem uma terceira posição "bissexuais", a maioria via esta orientação sexual como um disfarce dos/as homossexuais (que tentavam passar por heterossexuais), ou como uma experiência dos heterossexuais (Sanders et al., 1990). Após os conhecidos estudos de Kinsey várias foram as teorias que surgiram sobre a orientação sexual e a sua classificação, sendo a maioria delas uma adaptação/revisão da escala "Unidimensional - Bipolar" deste autor, possuindo desta forma quase sempre o mesmo problema de relação recíproca entre os vários pólos - isto é, quanto mais um indivíduo se classificava enquanto heterossexual, mais distante estava da homossexualidade, e vice-versa (Sanders et al., 1990). Para além deste problema, outros surgiram na mesma linha, tais como: as unidades de medida a utilizar, a visão da orientação sexual como algo estático ao longo da vida, as implicações dos papéis de género, etc. (Sanders et al., 1990).

Atualmente existem diversas teorias sobre a orientação sexual, o seu desenvolvimento e classificação, que fogem à visão estática e bidimensional da mesma, mas ainda hoje continuamos a classificar a orientação sexual dos indivíduos em três tipos: homossexual, heterossexual e bissexual.

Estes três tipos de orientação sexual podem ser definidos da seguinte forma: *homossexual* - um indivíduo que se sente atraído romanticamente, emocionalmente ou sexualmente por indivíduos do mesmo sexo; *heterossexual* - um indivíduo que se sente atraído romanticamente, emocionalmente ou sexualmente por indivíduos do sexo oposto; e *bissexual* - um indivíduo que se sente atraído romanticamente, emocionalmente ou sexualmente por indivíduos de ambos os sexos (APA, 2012).

Para compreender este conceito é ainda importante olhar a orientação sexual, não só tendo em conta as características pessoais do indivíduo, pois a orientação sexual não depende apenas deste, como também das relações íntimas que o mesmo desenvolve - amorosas e sexuais (APA, 2012).

Assim, na presente investigação a classificação de orientação sexual, não foi definida pelo indivíduo, nem pelas suas características, mas sim tendo em conta o sexo do indivíduo e do/a seu/sua parceiro/a. Desta forma pretendem observar-se diferenças tendo em conta a orientação sexual dos indivíduos nas relações que estavam na base das respostas ao questionário, compreendendo sempre que esta poderá alterar-se ao longo da vida.

Após a compreensão do conceito de orientação sexual, será então importante observar os principais resultados alcançados em estudos sobre ciúme nos quais se tem em conta a orientação sexual dos participantes, e se tentam compreender as diferenças existentes entre indivíduos com orientações sexuais distintas.

Estudos sobre ciúme romântico que observem diferenças tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes, são ainda hoje em dia escassos, o que se pode dever ao facto de os/as homossexuais constituírem uma população minoritária, e muitas das vezes excluída socialmente. Desta forma constituem uma população menos abrangida por estudos sobre relações amorosas, tanto pela dificuldade em obter respostas, como pelo baixo interesse em compreender o início e desenvolvimento de relações amorosas tendo em conta a orientação sexual.

Assim, estudos sobre ciúme romântico que tenham em conta homo e heterossexuais, são, ainda hoje em dia, insuficientes para compreender as diferenças existentes tendo em conta a orientação sexual.

O ciúme nas relações amorosas, por sua vez, tem tido a atenção de muitos investigadores, não só por ser um dos possíveis preditores de violência nas relações amorosas (Edalati & Redzuan, 2010; González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008), como por ser um sentimento que, embora não seja considerado primário, está presente desde fases precoces da vida, existindo em

diversos tipos de relações, principalmente em relações amorosas (Carvalho et al., 2008; Rydell & Bringle, 2007).

De qualquer forma existem já alguns estudos sobre ciúme nas relações amorosas tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes, demonstrando que existem diferenças entre homo e heterossexuais (Dijkstra et al., 2001; Sheets & Wolfe, 2001), ao contrário do que é demonstrado em estudos sobre outras áreas das relações amorosas (Bevan & Lannutti, 2002).

Os principais resultados encontrados demonstram que existem diferenças no ciúme romântico tendo em conta a orientação sexual, sendo que homens heterossexuais apresentam mais preocupação face à infidelidade sexual da parceira, e que tanto mulheres hetero como homossexuais e homens homossexuais demonstram maior preocupação face à infidelidade emocional do/a parceiro/a (Dijkstra et al., 2001; Sheets & Wolfe, 2001).

Segundo a perspetiva evolucionista o ciúme romântico é uma resposta adaptativa às ameaças associadas à perda do acesso exclusivo ao/a parceiro/a reprodutivo/a, ameaçando desta forma a paternidade biológica dos/as descendentes no caso dos homens, e à implicação do parceiro na educação dos/as descendentes no caso das mulheres (Buss, 1989; Buss, 1995; Buss et al., 1992; Marazziti et al., 2003). Tendo em conta esta perspetiva, segundo Sheets e Wolfe (2001), não poderiam existir diferenças nos despoletadores de ciúme entre homens e mulheres homossexuais, visto estas diferenças terem exclusiva ligação com a reprodução da espécie e nestes grupos não existir intenção de reprodução com o/a parceiro/a, tal como não deveriam ser apresentadas, por estes grupos, diferenças na sensibilidade aos tipos de infidelidade do/a parceiro/a. Mas segundo Kenrick e colaboradores (1995, *In* Sheets & Wolfe, 2001), embora as relações homossexuais não tenham como finalidade a reprodução da espécie, parecem envolver mecanismos biológicos associados à reprodução sexual. Assim, os estímulos que evocam ciúme romântico deveriam, segundo Sheets e Wolfe (2001), ser independentes da orientação sexual, mas também da cultura, sendo desta forma esperado que homens e mulheres homossexuais apresentassem diferenças na sensibilidade às pistas de infidelidade sexual e emocional do/a parceiro/a, apresentando os homens maior preocupação face à infidelidade sexual do parceiro, do que as mulheres.

Tendo em conta esta hipótese, foi realizado um estudo onde os/as participantes teriam de responder qual o tipo de infidelidade do/a parceiro/a que lhe causaria maior preocupação, onde os resultados demonstraram novamente que os

homens hetero apresentavam maior preocupação face à infidelidade sexual da parceira. Por outro lado, não existiram diferenças significativas em nenhum dos outros grupos, demonstrando os resultados que tanto mulheres homo, como heterossexuais, e homens homossexuais apresentavam maior preocupação face à infidelidade emocional do/a parceiro/a (Sheets & Wolfe, 2001). Estes resultados trazem uma nova compreensão do ciúme romântico face à orientação sexual, demonstrando que a perspectiva evolucionista apresenta fragilidades relativamente à especificidade e universalidade dos despoletadores do ciúme romântico tendo em conta o sexo dos/as parceiros/as amorosos (Sheets & Wolfe, 2001).

Outra das perspetivas que tenta compreender as diferenças no ciúme romântico é a perspetiva sociocultural, na qual as diferenças de género são explicadas através da cultura e socialização dos indivíduos, sugerindo que estas derivam da socialização específica de cada género que por sua vez afeta a perceção das ameaças à relação amorosa (Hupka, 1981; Hupka & Ryan, 1990). Tendo em conta esta perspetiva diversas poderiam ser as variáveis que influenciariam a sensibilidade à ameaça da infidelidade do/a parceiro/a, mas apenas três foram tidas em conta no estudo de Sheets e Wolfe (2001) - diferenças de género nas crenças sobre a relação; nos papéis de género; e no suporte social e necessidade de intimidade. Segundo estes autores, as diferenças de género face ao tipo de infidelidade do/a parceiro/a que mais preocupação despoleta nos indivíduos, estarão ligadas às crenças que cada género tem face às relações amorosas, podendo estas crenças ser observadas a três níveis (Sheets & Wolfe, 2001).

Num primeiro nível referem a conotação da infidelidade dos diferentes géneros na sociedade, sendo que as mulheres parecem ver o amor como necessário para ter relações sexuais, enquanto os homens mais frequentemente têm relações sexuais sem amor, o que poderá influenciar as respostas dos diferentes géneros no tipo de infidelidade mais preocupante, tal como referido pela *Double-shot hypothesis* (DeSteno & Salovey, 1996).

Num segundo nível, os autores propõem a *discounting hypothesis*, baseada na ideia de que os homens possuem mais liberdade do que as mulheres para terem relações sexuais fora da relação amorosa, sendo desta forma mais fácil para as mulheres ultrapassarem uma infidelidade sexual por parte dos homens do que para os homens ultrapassarem uma infidelidade sexual das mulheres, sendo esta crença a que afeta as diferenças de género encontradas (Sheets & Wolfe, 2001).

Por último, propõem a *cognitive adaptation hypothesis*, que traz uma explicação adicional para a aceitação da infidelidade sexual dos homens por parte das mulheres, tendo como base a crença de que a maioria dos homens são promíscuos de forma inata sendo desta forma difícil lutar contra a infidelidade sexual dos mesmos (Sheets & Wolfe, 2001).

Tendo em conta estes três níveis, os autores referem que qualquer uma das três hipóteses propostas tem em conta o género do/a parceiro/a na sensibilidade do indivíduo às ameaças de infidelidade. Desta forma seria esperado que homens e mulheres homossexuais também apresentassem as suas preocupações tendo em conta o género do/a parceiro/a, demonstrando os homens homossexuais mais preocupação com a infidelidade emocional do parceiro, e as mulheres homossexuais com a infidelidade sexual da parceira (Sheets & Wolfe, 2001).

Para além das crenças na relação, as diferenças de género nos estímulos que provocam ciúme, poderão ainda estar ligadas aos papéis de género, visto estes poderem influenciar as interações entre os/as parceiros/as amorosos/as, bem como a sensibilidade ao tipo de infidelidade que despoleta mais ciúme (Sheets & Wolfe, 2001). Assim existiria uma influência ao nível dos processos de socialização global que ditam os comportamentos de homens e mulheres, em vez de uma influência das crenças específicas na relação (Sheets & Wolfe, 2001). Esta influência dos papéis de género no ciúme, implica que os indivíduos se identifiquem com os papéis de género definidos pela cultura, o que poderá influenciar as respostas de homens e mulheres homossexuais visto muitas das vezes estes grupos não se reconhecerem nos papéis de género associados ao seu sexo biológico, sendo assim esperados resultados diferentes, ou mesmo inversos, dos encontrados nos grupos heterossexuais (Sheets & Wolfe, 2001).

Por último os autores referem ainda a possibilidade das diferenças de género face ao ciúme se deverem às diferenças de género ligadas à necessidade de intimidade e suporte social. Embora ambos os géneros necessitem desenvolver relações íntimas, os autores sublinham a importância da socialização diferenciada destes - sendo os homens mais orientados para a independência emocional, e as mulheres para a criação de laços com os/as outros/as (Wood, 1996, *In* Sheets & Wolfe, 2001). Assim, é referida a maior preocupação das mulheres com o isolamento social como uma das explicações para a maior preocupação com a infidelidade emocional do parceiro. Por outro lado, são referidas as experiências de rejeição que os/as homossexuais podem estar habituados/as a sofrer por parte dos/as amigos/as e

familiares, como explicação para a sua preocupação com o isolamento social, e por consequência com a infidelidade emocional do/a parceiro/a (Sheets & Wolfe, 2001).

Após um estudo de todas as variáveis referidas, foram obtidos resultados que demonstram diferenças no ciúme romântico face à orientação sexual, sendo que, tal como referido anteriormente, os homens heterossexuais demonstraram maior preocupação com a infidelidade sexual da parceira, mas as mulheres hetero e homossexuais, tal como os homens homossexuais demonstraram maior preocupação com a infidelidade emocional do/a parceiro/a (Sheets & Wolfe, 2001). Desta forma a explicação das diferenças de género face ao ciúme tendo em conta as crenças na relação parece não ser corroborada pelos resultados encontrados no estudo de Sheets e Wolfe (2001), visto os autores referirem esta ligação tendo em conta o sexo do/a parceiro/a amoroso, e hetero e homossexuais apresentarem resultados discordantes com esta hipótese. Por outro lado os autores referem que, embora as hipótese *double-shot* e *cognitive adaptation*, não tenham sido confirmadas a hipótese *discounting*, proposta pelos mesmos, poderá estar correta. Tal deve-se a tanto as mulheres heterossexuais como os homens e mulheres homossexuais terem demonstrado dar pouca importância à ameaça de abandono por existir infidelidade sexual por parte do/a parceiro/a, enquanto os homens heterossexuais demonstraram dar grande importância ao medo de abandono por parte da parceira por esta estar envolvida sexualmente com outro parceiro (Sheets & Wolfe, 2001).

Tendo em conta a importância dos papéis de género nas diferenças encontradas no ciúme romântico, os resultados não foram conclusivos, embora os grupos homossexuais tenham diminuído as diferenças de género existentes no ciúme romântico (Sheets & Wolfe, 2001). Por outro lado os resultados deste estudo parecem ir ao encontro do esperado pela hipótese da necessidade de intimidade e suporte social, não sendo esta hipótese corroborada, por não existirem correlações entre os níveis de suporte social dos/as participantes e as preocupações sentidas face aos tipos de infidelidade (Sheets & Wolfe, 2001). Assim, os autores referem que embora os padrões de preocupação face aos tipos de infidelidade do/a parceiro/a sejam exatamente os previstos pela hipótese do suporte social, não foram encontradas correlações entre o nível do suporte social dos/as participantes e a preocupação relativa sobre o tipo de infidelidade, eliminando o suporte social como explicação para as diferenças de ciúme encontradas entre os diversos grupos (Sheets & Wolfe, 2001).

Desta forma a perspetiva sociocultural não foi corroborada com o estudo de Sheets e Wolfe (2001), embora também não tenha sido negada na sua totalidade.

Ao contrário dos resultados descritos anteriormente, no estudo de Dijkstra e colaboradores (2001), os grupos homossexuais parecem divergir em relação ao tipo de infidelidade que mais preocupação lhes traz. Neste estudo os homens homossexuais demonstraram maior preocupação com a infidelidade emocional do parceiro, enquanto as mulheres homossexuais demonstraram maior preocupação com a infidelidade sexual da parceira (Dijkstra et al., 2001). Estes resultados poderiam não só corroborar as hipóteses anteriormente descritas onde se atribuíam as diferenças no ciúme romântico ao género do parceiro/a (DeSteno & Salovey, 1996; Sheets & Wolfe, 2001; Dijkstra et al., 2001), como à hipótese da importância dos papéis de género (Sheets & Wolfe, 2001).

Estes resultados são discrepantes dos encontrados nos estudos de Sheets e Wolfe, anteriormente descritos, tal como do estudo realizado por Bailey e colaboradores (1994, *In* Dijkstra et al., 2001). Os autores referem que as diferenças encontradas poderão dever-se à influência da cultura, ou à idade dos/as participantes que pertenciam aos grupos homossexuais, particularmente às participantes do sexo feminino. Isto explica-se pelo facto de as mulheres homossexuais que participaram neste estudo terem uma idade mais avançada que nos estudos anteriormente referidos. Partindo do princípio que as mulheres aceitam mais tardiamente a sua orientação sexual, pode compreender-se que este aspeto influencie os resultados, aproximando-os dos resultados obtidos pelos homens heterossexuais (Dijkstra et al., 2001). Concretamente, a aceitação mais tardia por parte das mulheres é importante na medida em que é a partir desse momento que se começam a identificar com características mais masculinas, diferindo assim nos resultados face ao ciúme (Dijkstra et al., 2001).

Embora possamos observar, com os resultados anteriormente descritos, que parecem existir diferenças no ciúme romântico tendo em conta a orientação sexual dos indivíduos, os estudos efetuados ainda são escassos, não fornecendo a informação necessária para compreender as diferenças encontradas. O que leva à importância da realização de estudos que tenham em conta a orientação sexual como variável no estudo do ciúme romântico.

Será ainda importante observar que os estudos descritos sobre ciúme romântico apenas têm em conta relações amorosas entre adultos, o que nos leva à conclusão que estudos sobre relações amorosas na adolescência, que tenham em conta a orientação sexual, parecem não ser o foco das investigações atuais na área.

Sendo a adolescência uma fase de experimentação, na qual se estabilizam diversos tipos de comportamento que se poderão manter ao longo da vida adulta, e uma fase onde se começam a experienciar diversos tipos de relações amorosas, mais ou menos duradouras, terá extrema importância compreender as diferenças existentes nesta fase da vida, tendo em conta a orientação sexual. Apenas desta forma poderá existir uma maior compreensão do início e desenvolvimento dos diferentes tipos de relações amorosas ao longo da adolescência.

Parte 2

Estudo Empírico

4. Objetivos e Questões de investigação

A presente investigação tem como objetivo estudar o ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes, bem como perceber as diferenças existentes tendo em conta o género e/ou orientação sexual.

O referido objetivo prende-se com a necessidade de compreender as diferenças existentes nos diversos tipos de relações amorosas dos/as adolescentes, visto estas poderem influenciar a vivência das relações amorosas ao longo da vida afetando, não só o bem-estar do indivíduo, como o do seu/sua parceiro/a. Desta forma, a compreensão do ciúme nas relações dos/as adolescentes terá extrema importância na prevenção da violência no namoro, de relações abusivas, de invasão de privacidade, bem como de comportamentos violentos quer física quer psicologicamente.

Tendo em conta o referido anteriormente, as principais questões de investigação deste estudo podem sintetizar-se da seguinte forma:

- a) Existe ciúme nas relações amorosas dos adolescentes?
- b) Relativamente ao ciúme, existem diferenças entre homens e mulheres nas relações amorosas dos adolescentes?
- c) Relativamente ao ciúme, existem diferenças entre hetero e homossexuais nas relações amorosas dos adolescentes?
- d) Relativamente ao ciúme, existem diferenças tendo em conta a estabilidade da relação (estável vs. não estável)?
- e) Relativamente ao ciúme, existem diferenças tendo em conta o nível de ensino frequentado pelos/as participantes (secundário vs. universitário)?
- f) Os jovens do sexo masculino apresentam uma maior preocupação face a envolvimento sexual do/a parceiro/a?
- g) As jovens do sexo feminino apresentam uma maior preocupação face a envolvimento emocional do/a parceiro/a?
- h) Relativamente ao ciúme, existem diferenças tendo em conta a duração da relação?

5. Metodologia

5.1 Participantes

Na presente investigação a amostra foi constituída por alunos/as do 12º ano do Ensino Secundário de duas escolas da cidade de Évora, e por alunos/as de alguns cursos de 1º ciclo da Universidade de Évora, que responderam à versão em papel do questionário; e por jovens e jovens adultos/as, entre os 17 e os 21 anos de idade, que responderam à versão *online* do questionário.

Para o primeiro grupo (versão papel) foi utilizado um processo de amostragem de conveniência, e para o segundo (versão *online*), um processo de amostragem de *snowball* (Maroco, 2010). A necessidade de existir uma amostragem de *snowball* deveu-se ao facto de a população homossexual ser uma minoria na nossa sociedade, sendo desta forma muito difícil de alcançar através de outros processos de amostragem.

Foram distribuídos 334 questionários na versão papel, dos quais foram recolhidos 275, e anulados 37, e recolhidos 119 questionários na versão *online*, dos quais foram anulados 41, como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1: Distribuição, recolha e utilização dos questionários

	Entregues	Recolhidos	Anulados	Utilizados
Versão papel Secundário	226	167	22	145
Versão papel Universidade	108	108	15	93
Versão <i>online</i>	119	119	41	78
Total	453	394	78	316

Os questionários anulados correspondiam a pelo menos uma das seguintes características: o/a participante não correspondia à amostra pretendida no estudo; pelo menos uma das respostas do questionário encontrava-se rasurada sem indicação de qual a resposta final; o questionário aparentar ter sido preenchido ao acaso.

5.2 Instrumento - Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes

Visto em Portugal não existir nenhum questionário sobre ciúme romântico, nem qualquer adaptação de questionários construídos originalmente noutros países, e visto este ser essencial para a realização da presente investigação, decidiu-se construir um questionário de raiz sobre a temática em causa.

Desta forma, o Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes (QCRAA) foi construído com base na revisão teórica sobre ciúme referida anteriormente, bem como em dois questionários/inventários já existentes: *Questionnaire of the affective relationships - QAR* (Marazziti et al., 2003) e *Inventário de Ciúme Romântico - ICR* (Carvalho et al., 2008).

O QAR (Marazziti et al., 2003), é constituído por 30 itens com respostas codificadas numa escala tipo *Likert* (de 1 - “less severe” a 4 - “most severe”), que tem como objetivo observar comportamentos específicos que derivam de pensamentos de ciúme, através das seguintes dimensões: preocupações sobre o comportamento do/a parceiro/a; tempo despendido com preocupações/pensamentos sobre a infidelidade do/a parceiro/a; interferência com as atividades do dia-a-dia e relação com o/a parceiro/a; características das preocupações/pensamentos; comportamentos de evitamento; prevenção dos comportamentos do/a parceiro/a; nível e qualidade da atividade sexual; e confirmação dos comportamentos do/a parceiro/a.

O ICR (Carvalho et. al., 2008), é constituído por 60 itens direta ou inversamente relacionados com o ciúme romântico, aos quais os indivíduos respondiam numa escala tipo *Likert* (de 1 - “nada característica” a 5 - “totalmente característica”) tendo em conta um relacionamento passado, presente, ou futuro, distribuídos pelas seguintes dimensões: ciúme romântico; não ciúme; não-agressão; desconfiança; investigação; e insegurança.

Visto nenhum dos questionários descritos ter como objetivo específico a observação da existência de ciúme nas relações amorosas de adolescentes, e devido à necessidade de adequar os itens à população portuguesa, à sua cultura e realidade, optou-se pela construção de um novo questionário (QCRAA), e não por fazer uma adaptação de um dos questionários já existentes.

O QCRAA tem como principal objetivo avaliar os níveis de ciúme romântico existentes nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as, tendo em conta diversas variáveis que estão subjacentes a este tipo de sentimentos.

Para selecionar quais as dimensões que deveriam ser avaliadas com o questionário criado, observaram-se as categorias utilizadas nos dois questionários/inventários tidos em conta para a elaboração do QCRAA, referidos anteriormente. Nestes, várias eram as dimensões avaliadas, tendo em conta os objetivos dos estudos em causa e a população alvo dos mesmos. Dado que estas categorias não se adequavam na totalidade aos objetivos do estudo, nem à população do mesmo, tornou-se necessário adequar não só os itens e a linguagem utilizada, mas também as dimensões estudadas.

Assim, e tendo em conta o referencial teórico existente sobre esta temática, considerou-se relevante ter em conta as seguintes dimensões na construção do QCRAA: *Preocupação*; *Controlo do comportamento*; *Agressão* e *Investigação*.

A dimensão *Preocupação*, foi observada através de itens como por exemplo: “1 - Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a não ser sincero contigo?”; “11 - Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te abandonar?”; “30 - Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a ter mais confiança noutra pessoa do que em ti?”.

Outra das dimensões avaliada no QCRAA é *Controlo do Comportamento*. Esta dimensão foi avaliada através de itens tais como: “2 - Evitas situações onde o/a teu/tua parceiro/a possa conhecer alguém atraente (bares, concertos, festas, etc.)?”; “15 - Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode ir de férias sem ti?”; “25 - Ficas chateado/a quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair sem ti?”.

A *agressão* é outra das dimensões a avaliar com o QCRAA. Como exemplos de itens que avaliam esta dimensão temos: “3 - Tu e o/a teu/tua parceiro/a costumam insultar-se no quotidiano?”; “13 - Sentes/já sentiste vontade de ser agressivo/a fisicamente com o/a teu/tua parceiro/a?”; “37 - Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumavas insultá-lo/a?”.

Os comportamentos de *investigação*, sobre o/a parceiro/a, são outra das dimensões avaliadas com o QCRAA. Esta dimensão foi avaliada através de itens como por exemplo: “10 - Lêes secretamente as SMS's do/a teu/tua parceiro/a?”; “24 - Já pensaste espiar secretamente o/a teu/tua parceiro/a?”; “27 - Vigias secretamente o perfil do/a teu/tua parceiro/a nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?”.

É ainda importante referir que os itens “14 - Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver emocionalmente com outra pessoa?” e “34 - Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver sexualmente com outra pessoa?” - ambos pertencentes à dimensão *preocupação* - foram

elaborados e utilizados no QCRAA com o objetivo final de compreender se existem diferenças de género e de orientação sexual tendo em conta a preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a (emocional vs. sexual).

Os itens aqui referidos, bem como todos os integrantes do QCRAA foram elaborados tendo em conta o referencial teórico sobre o ciúme, bem como os questionários/inventários referidos anteriormente, tendo sido adaptados à população do presente estudo através da passagem de versões preliminares do QCRAA.

Por último é de referir que embora todas as dimensões apresentadas estejam relacionadas entre si, a dimensão *comportamentos de investigação*, poderá encontrar-se mais relacionada com alguma das outras, principalmente com as dimensões *controlo do comportamento* e *agressão*. Desta forma, os *comportamentos de investigação*, poderão vir a ser observados numa das outras dimensões, visto os/as jovens poderem interpretá-los como uma forma de controlar o comportamento do/a parceiro/a, ou como uma forma de agressão ao/à mesmo/a.

Antes de descrever o processo de desenvolvimento do QCRAA, será ainda importante referir que, embora o mesmo tenha como objetivo avaliar o ciúme nas relações amorosas de adolescentes, optou-se por não utilizar a palavra ciúme no título deste quando apresentado aos/às participantes. Esta opção teve em conta os estudos realizados por Marazziti e col. (2003), onde a palavra ciúme no título de questionários sobre esta temática levou a respostas enviesadas, devido à conotação deste conceito na sociedade. Assim optou-se pela apresentação do título: Questionário Sobre Relações Amorosas; de forma a controlar este tipo de enviesamento dos resultados.

No que diz respeito ao desenvolvimento do QCRAA, foi elaborada uma versão preliminar do questionário, que foi respondida individualmente por dez jovens, que não integraram a amostra final do estudo. Esta passagem preliminar do QCRAA permitiu averiguar a compreensão das questões por parte dos/as jovens, a adequação da linguagem, a exequibilidade do questionário, bem como a extensão adequada do instrumento. Após este primeiro momento foi pedido aos indivíduos que fornecessem *feedback* acerca das questões acima referidas, o que levou a algumas alterações, principalmente ao nível da linguagem utilizada. As versões iniciais do QCRAA foram ainda avaliadas por peritos, de forma a verificar a qualidade da sua construção e a adequabilidade dos itens.

Depois de várias versões provisórias do QCRAA, chegou-se a uma versão de investigação composta por 40 *itens* referentes às opiniões e comportamentos dos/as jovens em diferentes aspetos das relações amorosas, incidindo sobre as quatro

categorias acima referidas: *Preocupação*; *Controlo do comportamento*; *Agressão e Investigação* (Anexo I).

Os itens do questionário final foram distribuídos aleatoriamente, excetuando os itens 7 e 8, visto ser necessário o seu emparelhamento. As respostas são codificadas numa escala tipo *Likert*, com as opções: *Nunca*; *Raramente*; *Às Vezes* e *Frequentemente*. Pedia-se ao indivíduo que tivesse em conta uma relação amorosa atual, uma relação passada (caso não estivesse atualmente numa relação), ou idealizasse o que aconteceria numa relação futura (caso nunca tenha estado numa relação).

Foi ainda pedido aos/às participantes que fornecessem alguns dados de caracterização, tais como: sexo; idade; escolaridade; estabilidade da relação a ter em conta no questionário (presente, passada, imaginária); tempo da relação (em meses); estabilidade da relação (estável; não estável) e sexo do/a parceiro/a. Tendo em conta a resposta ao sexo do indivíduo e do parceiro/a, foi definida a orientação sexual face à relação tida em conta na resposta ao questionário em questão. Assim, a orientação sexual dos/as participantes foi estabelecida tendo apenas em conta a relação que descrevem no questionário, visto não ser um dos objetivos do estudo deixar os/as participantes numa situação desconfortável ao terem de definir a sua orientação sexual, pois esta poderá ainda não estar definida, ou poderá ser mutável ao longo da vida (Graber & Archibald, 2001).

5.3 Procedimentos

5.3.1 Procedimentos de recolha de dados em papel

Ao longo da presente investigação foram sempre tidos em conta todos os procedimentos de natureza ética.

Antes da distribuição do questionário em versão papel, foi dirigido um pedido de autorização de utilização de instrumentos de inquirição em meio escolar à DGIDC. Posteriormente foram pedidas as autorizações necessárias, quer aos respetivos diretores das Escolas abrangidas, quer aos Diretores/as de Turma ou Responsáveis pelas Licenciaturas (Anexo II). Após as autorizações obterem uma resposta positiva, procedeu-se à passagem dos questionários nos estabelecimentos de ensino. A aplicação dos questionários foi feita, na maioria das vezes em grupo, sendo as respostas dadas de forma individual com uma duração aproximada de 15 minutos por indivíduo. Os questionários foram ministrados pela investigadora tendo todos os/as

jovens e jovens adultos/as sido informados do âmbito da investigação, da confidencialidade dos dados recolhidos, bem como do direito ao não preenchimento do questionário.

A recolha dos dados foi feita entre os meses de Abril e Agosto de 2012, em situações que não retiraram oportunidades de aprendizagem aos/às alunos/as.

5.3.2 Procedimentos de recolha de dados *online*

Para a recolha de dados através de resposta a questionário *online*, foram também tidos em conta todos os procedimentos éticos inerentes.

A publicitação e pedido de resposta ao questionário foram efetuados através da *mailing list* de algumas associações de jovens LGBT a nível nacional, bem como através do *facebook*.

A versão *online* do questionário, continha uma breve descrição do âmbito da investigação, bem como a informação da confidencialidade dos dados recolhidos. O restante questionário era idêntico ao questionário na versão papel, contendo uma parte informativa, uma parte de recolha de dados demográficos, e uma terceira parte onde os/as jovens teriam de responder a 40 itens, com as opções: Nunca; Raramente; Às vezes e Frequentemente.

O questionário esteve disponível para preenchimento *online*, entre os dias 2 de Julho e 15 de Setembro de 2012. No final deste período o questionário *online* foi retirado, e as Associações foram informadas de que este já não estaria disponível para resposta por parte dos/as jovens, pedindo para ser cancelada a divulgação do mesmo.

5.3.3 Procedimentos de análise de dados

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e analisados através da aplicação de análise estatística IBM® SPSS® Statistics (versão 20).

Inicialmente foi feita um tratamento e análise descritiva da amostra, recorrendo a médias, desvio-padrão e frequências de forma a descrever diversas características relevantes dos/as participantes.

Posteriormente, e de forma a assegurar as qualidades psicométricas do questionário criado, foram realizados os procedimentos estatísticos necessários para observar a validade e fidelidade do mesmo.

A validade de constructo está relacionada com o nível em que conhecemos o que determinada prova mede, estando inerente a este tipo de validade o grau de concordância entre os resultados do teste, a teoria e a prática a tendo em conta as

dimensões em avaliação (Almeida & Freire, 2003). Para observar se determinada prova possui validade de constructo, utiliza-se frequentemente a análise fatorial dos itens e dos resultados (Almeida & Freire, 2003).

Tendo em conta o referido anteriormente, foi utilizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz de correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais, bem como uma rotação *varimax*, para avaliar a relação dos resultados obtidos com o QCRAA. Através desta técnica, parte-se das intercorrelações entre os itens de forma a identificar as componentes gerais que possam explicar a variância comum entre eles, sendo que a carga fatorial de determinado item traduz a medida em que esse representa determinado traço (fator) (Almeida & Freire, 2003).

Após a primeira AFE, observou-se que diversos itens apresentavam pesos fatoriais para mais de um fator, o que não era esperado e não ia ao encontro dos pressupostos teóricos subjacentes à construção do QCRAA, optando-se por forçar a três fatores, baseando-se esta escolha nos valores próprios superiores a 1, e na análise do *Scree Plot*. Após esta segunda AFE, foram ainda excluídos itens com pesos fatoriais elevados para mais de um fator. Para cada fator foram ainda selecionados os restantes itens com cargas fatoriais superiores 0,4 (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

A validade da AFE foi verificada através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett, cujos resultados demonstraram que as variáveis estão correlacionadas e que existe homogeneidade das mesmas, sendo a recomendação relativa à AFE excelente (Maroco, 2010).

A fidelidade foi verificada através da consistência interna do QCRAA, bem como das suas dimensões, através do *Alpha de Cronbach* (Maroco & Garcia-Marques, 2006). A consistência interna corresponde ao nível de uniformidade e coerência existente entre as respostas dos/as participantes a cada um dos itens da prova, sendo utilizada para apreciação da garantia dos resultados (Almeida & Freire, 2003).

Na descrição e análise dos principais resultados obtidos, foram utilizadas as médias, desvio-padrão, frequências, percentagens e valores máximos e mínimos, em concordância com a natureza das variáveis.

De forma a analisar os dados obtidos, foram ainda utilizados diversos procedimentos estatísticos, tendo em conta as questões de investigação do presente estudo.

Para a análise das diferenças de médias entre as variáveis independentes em relação ao sexo, orientação sexual, estabilidade da relação e nível de ensino, utilizou-se o teste *t*-Student, após a verificação dos pressupostos estatísticos inerentes à realização deste procedimento - normalidade das distribuições e homogeneidade das variâncias. Este procedimento estatístico serve para testar se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Maroco, 2010), sendo desta forma adequado tendo em conta as questões de investigação.

Posteriormente foi utilizado o Teste de Mann-Whitney, para análise das diferenças de médias encontradas numa das variáveis independentes. Este Teste compara dois grupos independentes tendo em conta uma variável ordinal (Martins, 2011), sendo desta forma adequado para efetuar uma análise “mais fina” (item a item) dos resultados encontrados com o Teste *t*-Student.

De forma a avaliar diferenças significativas na preocupação face à infidelidade emocional/sexual do/a parceiro/a foi utilizado o Teste de Kruskal-Wallis. Este procedimento estatístico é o equivalente não-paramétrico da ANOVA (Análise da Variância), servindo para avaliar se existem diferenças entre três ou mais grupos independentes, tendo em conta uma variável ordinal (Martins, 2011). Sendo desta forma o procedimento mais adequado para avaliar a existência de diferenças nas respostas ao item 14 (preocupação com a infidelidade emocional), e ao item 34 (preocupação com a infidelidade sexual) tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes.

Por último foram utilizadas Correlações de Pearson - *r*, de forma a compreender se existiam correlações entre o tempo da relação amorosa e as dimensões do QCRAA. Este procedimento avalia se existem correlações (positivas ou negativas) entre duas ou mais variáveis intervalares (Martins, 2011), sendo desta forma o mais adequado para responder à questão de investigação anteriormente referida.

6. Apresentação e análise dos resultados obtidos

6.1 Análise descritiva da amostra

A amostra do presente estudo foi composta por 316 sujeitos, dos quais 99 eram do sexo masculino e 217 do sexo feminino, com a seguinte distribuição por nível de ensino que frequentam:

Tabela 2: Distribuição dos participantes por sexo e por nível de ensino

Nível de ensino	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Secundário	56	115	171 (54,1%)
Superior	43	102	145 (45,9%)
Total	99	217	316

No que respeita à idade dos/as participantes estas oscilaram entre os 17 e os 21 anos, sendo a média de idades 18,62 anos, com um desvio-padrão de 0,07. Os 18 anos são a idade mais frequente, o que é coerente com o facto de nesta idade os/as alunos/as poderem estar a frequentar tanto o ensino secundário, como o superior, apresentando-se participantes desta idade em ambos os níveis de ensino. Tendo em conta a distribuição de idades por nível de ensino, é de referir que a média de idades para os/as alunos/as que frequentavam o ensino secundário é de 17,92, enquanto para os/as alunos/as que frequentavam o ensino superior é de 19,45.

Tendo em conta a área de residência dos/as participantes, é de referir que a maioria residia na cidade de Évora (75%), tendo todos/as estes/as participantes respondido ao questionário na versão papel. Os/as participantes que não residiam na cidade de Évora (25%), responderam na sua maioria ao questionário na versão *online*.

No que diz respeito às relações amorosas, é de referir que a maioria dos/as participantes estava numa relação amorosa quando preencheu o questionário (56%); 38,6% não estavam numa relação amorosa no momento da resposta ao QCRAA, mas já tinha estado anteriormente; apenas 5,4%, nunca tinha estado numa relação amorosa.

Relativamente ao tipo de relação (homossexual ou heterossexual) dos/as participantes, observada através do sexo do/a próprio/a e do sexo do/a parceiro/a, a distribuição é ilustrada na tabela 3.

Tabela 3: Distribuição dos participantes por sexo e tipo de relação

Tipo de relação	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Heterossexual	160	63	223
Homossexual	27	14	41
Total	187	77	264

Como se pode verificar a maioria dos/as jovens relata relações heterossexuais, no entanto é de realçar que 16% da amostra respondem tendo em conta uma relação homossexual.¹

Nesta distribuição apenas constam 264 sujeitos, visto 52 não terem assinalado o sexo do/a parceiro/a, não podendo dessa forma ser caracterizados quanto ao tipo de relação.²

Por último será ainda importante mencionar que a maioria dos/as participantes (56,6%) refere ter em conta uma relação estável, presente ou passada, para responder ao questionário. Por sua vez os/as participantes que assinalam ter em conta uma relação amorosa não estável para responder ao questionário, dizem respeito à menor frequência observada (12,7%), sendo a não resposta a esta questão a segunda mais frequente (30,7%). Tendo em conta a duração das relações amorosas tidas em conta para a resposta ao questionário, oscilam entre 1 e 72 meses, sendo a média de 18,43 meses e o desvio-padrão de 15,91.

6.2 Análise descritiva dos resultados do QCRAA.

Efetou-se uma análise descritiva simples do QCRAA, calculando-se as frequências e percentagens das respostas a cada item, bem como a média e o desvio padrão das mesmas, apresentando-se os resultados na tabela 4.

¹ A maioria dos sujeitos homossexuais (75,61%) respondeu ao questionário na sua versão *online*.

² É de referir que nas análises estatísticas que não têm em conta o tipo de relação dos sujeitos (homossexual; heterossexual) foram tidos em conta os 316 sujeitos.

Tabela 4: Frequências, médias e desvio-padrão das respostas aos itens do QCRAA

Itens do QCRAA	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequen- temente	Média	Desvio Padrão
1. Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a não ser sincero/a contigo?	42 (13,3%)	85 (26,9%)	119 (37,7%)	69 (21,8%)	2.68	0.96
2. Evitas situações onde o/a teu/tua parceiro/a possa conhecer alguém atraente (bares, concertos, festas, etc.)?	164 (51,9%)	95 (30,1%)	47 (14,9%)	10 (3,2%)	1.69	0.84
3. Tu e o/a teu/tua parceiro/a costumam insultar-se no quotidiano?	197 (62,3%)	81 (25,6%)	30 (9,5%)	8 (2,5%)	1.52	0.77
4. Agrides/já agrediste fisicamente o/a teu/tua parceiro/a?	293 (92,7%)	18 (5,7%)	4 (1,3%)	1 (0,3%)	1.09	0.36
5. Ficas desconfiado/a se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	90 (28,5%)	137 (43,4%)	76 (24,1%)	13 (4,1%)	2.04	0.83
6. Ficas chateado quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair contigo?	283 (89,6%)	26 (8,2%)	5 (1,6%)	1 (0,3%)	1.12	0.40
7. Pensas que o/a teu/tua parceiro/a é infiel?	214 (67,7%)	66 (20,9%)	25 (7,9%)	11 (3,5%)	1.47	0.79
8. Estes pensamentos influenciam a forma como vives a tua relação?	137 (43,4%)	69 (21,8%)	69 (21,8%)	36 (11,4%)	2.01	1.06
9. Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a fazer algo sem te informar?	67 (21,2%)	141 (44,6%)	93 (29,4%)	15 (4,7%)	2.18	0.82
10. Lêes secretamente as SMS's do/a teu/tua parceiro/a?	215 (68%)	60 (19%)	32 (10,1%)	9 (2,8%)	1.48	0.79
11. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te abandonar?	62 (19,6%)	101 (32%)	119 (37,7%)	33 (10,4%)	2.39	0.92
12. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes?	127 (40,2%)	117 (37%)	60 (19%)	12 (3,8%)	1.86	0.85
13. Sentes/já sentiste vontade de ser agressivo/a fisicamente com o/a teu/tua parceiro/a?	245 (77,5%)	47 (14,9%)	22 (7%)	2 (0,6%)	1.31	0.63
14. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver emocionalmente com outra pessoa?	55 (17,4%)	109 (34,5%)	120 (38%)	32 (10,1%)	2.41	0.89
15. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode ir de férias sem ti?	277 (87,7%)	27 (8,5%)	8 (2,5%)	4 (1,3%)	1.17	0.52
16. Sentes medo de não ser atraente/excitante para o/a teu/tua parceiro/a?	82 (25,9%)	102 (32,3%)	104 (32,9%)	28 (8,9%)	2.25	0.94
17. Preocupas-te com o tempo que o/a teu/tua parceiro/a despense nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	200 (63,3%)	71 (22,5%)	33 (10,4%)	12 (3,8%)	1.55	0.83
18. Prestas atenção se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	76 (24,1%)	117 (37%)	98 (31%)	25 (7,9%)	2.23	0.90
19. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair à noite sem ti?	122 (38,6%)	115 (36,4%)	61 (19,3%)	18 (5,7%)	1.92	0.90
20. Costumas vigiar as comunicações do/a teu/tua parceiro/a (telemóvel, email, redes sociais)?	199 (63%)	75 (23,7%)	35 (11,1%)	6 (1,9%)	1.52	0.77
21. Sentes medo de não satisfazer, ou não vir a satisfazer sexualmente o/a teu/tua parceiro/a?	116 (36,7%)	87 (27,5%)	95 (30,1%)	18 (5,7%)	2.05	0.95
22. Preocupas-te com os/as amigos/as que o teu/tua parceiro/a tem nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	178 (56,3%)	82 (25,9%)	46 (14,6%)	10 (3,2%)	1.65	0.84
23. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes que tu não conheces?	105 (33,2%)	111 (35,1%)	81 (25,6%)	19 (6%)	2.04	0.91
24. Já pensaste espiar secretamente o/a teu/tua parceiro/a?	269 (85,1%)	33 (10,4%)	9 (2,8%)	4 (1,3%)	1.20	0.54

25. Ficas chateado/a quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair sem ti?	200 (63,3%)	72 (22,8%)	35 (11,1%)	8 (2,5%)	1.53	0.79
26. Já pediste a alguém para vigiar o/a teu/tua parceiro/a?	281 (88,9%)	25 (7,9%)	7 (2,2%)	2 (0,6%)	1.14	0.45
27. Vigias secretamente o perfil do/a teu/tua parceiro/a nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	212 (67,1%)	59 (18,7%)	36 (11,4%)	9 (2,8%)	1.50	0.81
28. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	133 (42,1%)	115 (36,4%)	58 (18,4%)	10 (3,2%)	1.83	0.84
29. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode sair à noite sem ti?	282 (89,2%)	18 (5,7%)	10 (3,2%)	5 (1,6%)	1.17	0.55
30. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a ter mais confiança noutra pessoa do que em ti?	125 (39,6%)	91 (28,8%)	77 (24,4%)	22 (7%)	1.99	0.96
31. Confirmas o que o/a teu/tua parceiro/a te diz (ex: perguntar a outra pessoa se o que ele/a te disse é verdade)?	185 (58,5%)	92 (29,1%)	26 (8,2%)	12 (3,8%)	1.57	0.80
32. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te trair?	119 (37,7%)	97 (30,7%)	73 (23,1%)	26 (8,2%)	2.02	0.97
33. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a vai de férias sem ti?	212 (67,1%)	66 (20,9%)	28 (8,9%)	9 (2,8%)	1.47	0.78
34. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver sexualmente com outra pessoa?	145 (45,9%)	81 (25,6%)	54 (17,1%)	36 (11,4%)	1.94	1.04
35. Mexes nos objetos pessoais do/a teu/tua parceiro/a por desconfiança (ex: carteira, mala, computador, etc.)?	266 (84,2%)	38 (12%)	10 (3,2%)	1 (0,3%)	1.19	0.49
36. Vigias o comportamento do/a teu/tua parceiro/a?	194 (61,4%)	88 (27,8%)	25 (7,9%)	9 (2,8%)	1.52	0.76
37. Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumás insultá-lo/a?	177 (56%)	94 (29,7%)	41 (13%)	4 (1,3%)	1.59	0.76
38. Costumas controlar as roupas/maquilhagens/adereços que o/a teu/tua parceiro/a usa?	275 (87%)	33 (10,4%)	7 (2,2%)	1 (0,3%)	1.16	0.44
39. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a acabar a vossa relação para estar com outra pessoa?	88 (27,8%)	100 (31,6%)	92 (29,1%)	36 (11,4%)	2.24	0.99
40. Sofres se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	170 (53,8%)	82 (25,9%)	50 (15,8%)	14 (4,4%)	1.71	0.89

Podemos verificar que a média total da escala em análise é de 1.71, sendo que a média dos itens varia entre 2.68 (item 1) e 1.09 (item 4). Podemos ainda observar que o mínimo e máximo das respostas a cada item corresponde às opções de resposta extremas (“1 - nunca” e “4 - frequentemente”), demonstrando que existiu pelo menos um/a participante a assinalar cada uma destas opções em todos os itens.

6.3 Análise psicométrica

6.3.1 Análise fatorial exploratória

A AFE tem como objetivo o resumo e redução dos dados encontrados, sendo útil para definir uma estrutura subjacente numa matriz de dados. Assim, a AFE analisa

a estrutura das correlações de diversas variáveis, definindo um conjunto de fatores, nos quais se agrupam as diversas variáveis (Hair et al., 2005).

Após verificação dos pressupostos estatísticos, foi feita uma primeira AFE, da qual resultaram nove fatores explicativos de 73,72% da variância total. No entanto a matriz demonstrou vários itens com pesos fatoriais elevados para mais que um fator, resultando numa matriz de difícil compreensão, e que não ia ao encontro dos pressupostos teóricos subjacentes à construção do QCRAA. Desta forma optou-se por forçar a três fatores, explicativos de 43,62% da variância total, tendo esta escolha por base os valores de *eigenvalue* superiores a 1 e o *Scree Plot* (Anexo III).

Observou-se ainda que os itens 4; 7; 9; 22; 36; 40, continuavam a apresentar pesos fatoriais elevados para mais de um fator, após rotação *Varimax*, tendo sido excluídos para posteriores análises.

Para cada fator foram selecionados os restantes itens com cargas fatoriais superiores 0,4 (Hair et al., 2005), tendo assim sido retirados os itens 31 e 38. Assim a Escala Final é composta por 32 itens.

Realizou-se então um teste de validade da análise fatorial de componentes principais, através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett³. Através da observação dos valores encontrados, verificou-se que poderia ser realizada a análise fatorial, sendo a mesma válida e adequada (teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2 \approx 4682,17$; g.l. = 561, $p < .001$; KMO = .908), demonstrando que as variáveis estão correlacionadas e que existe homogeneidade das mesmas, sendo a recomendação relativa à AFE excelente (Maroco, 2010).

Os três fatores obtidos explicavam assim mais de 44% da variância total (44,21%). Após rotação, os três fatores extraídos explicavam 16,99%; 15,82% e 11,40%, como pode ser observado na tabela 5.

³ Teste que apresentando um *p-value* inferior a 0.001, demonstra a correlação significativa entre as variáveis (Maroco, 2010).

Tabela 5: Valores próprios e valores dos fatores antes e após rotação

Fatores	Antes da Rotação		Depois da Rotação	
	Valor próprio	% da variância	Valor próprio	% da variância
Fator 1	10,36	30,45	5,78	16,99
Fator 2	2,67	7,84	5,38	15,82
Fator 3	2,01	5,91	3,88	11,40
Total		44,21		44,21

A distribuição dos itens pelos diversos fatores anteriormente referidos poderá ser verificada na tabela 6, indo esta ao encontro dos pressupostos teóricos subjacentes à construção do instrumento. Desta forma o primeiro fator, que explica 16,99% da variância, agrupa os itens relacionados com as preocupações com a traição, abandono e falta de interesse por parte do/a parceiro/a. O segundo fator, que explica 15,82% da variância, diz respeito aos itens relacionados com o controlo dos comportamentos do/a parceiro/a que o/a poderão levar a conhecer outra pessoa, e eventualmente a começar outra relação. Por último o terceiro fator, que explica 11,40% da variância, agrupa os itens referentes à invasão da privacidade do/a parceiro/a, e à agressão física e/ou verbal do/a mesmo/a.

Desta forma, e tendo em conta o referencial teórico subjacente, bem como os resultados encontrados na AFE, o primeiro fator será designado como *Preocupação*, o segundo como *Controlo do comportamento*, e o terceiro como *Investigação/Agressão*.

As médias dos/as adolescentes e jovens adultos/as para cada uma das dimensões avaliadas foram as seguintes: *Preocupação*, média de 2.19 (DP = 0.64); *Controlo do comportamento*, média de 1.66 (DP = 0.51); e *Investigação/Agressão*, média de 1.38 (DP = 0.42).

Tabela 6: Estrutura fatorial do QCRAA

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	
1. Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a não ser sincero/a contigo?	0.559			
8. Estes pensamentos influenciam a forma como vives a tua relação?	0.482			
11. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te abandonar?	0.716			
14. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver emocionalmente com outra pessoa?	0.651			
16. Sentes medo de não ser atraente/excitante para o/a teu/tua parceiro/a?	0.577			
21. Sentes medo de não satisfazer, ou não vir a satisfazer sexualmente o/a teu/tua parceiro/a?	0.519			
30. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a ter mais confiança noutra pessoa do que em ti?	0.621			
32. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te trair?	0.705			
34. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver sexualmente com outra pessoa?	0.708			
39. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a acabar a vossa relação para estar com outra pessoa?	0.775			
2. Evitas situações onde o/a teu/tua parceiro/a possa conhecer alguém atraente (bares, concertos, festas, etc.)?		0.508		
5. Ficas desconfiado/a se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?		0.513		
6. Ficas chateado quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair contigo?		0.412		
12. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes?		0.579		
15. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode ir de férias sem ti?		0.563		
17. Preocupas-te com o tempo que o/a teu/tua parceiro/a despende nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?		0.423		
18. Prestas atenção se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?		0.511		
19. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair à noite sem ti?		0.683		
23. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes que tu não conheces?		0.597		
25. Ficas chateado/a quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair sem ti?		0.686		
28. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?		0.572		
29. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode sair à noite sem ti?		0.536		
33. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a vai de férias sem ti?		0.693		
3. Tu e o/a teu/tua parceiro/a costumam insultar-se no quotidiano?			0.587	
10. Lêes secretamente as SMS's do/a teu/tua parceiro/a?			0.619	
13. Sentes/já sentiste vontade de ser agressivo/a fisicamente com o/a teu/tua parceiro/a?			0.620	
20. Costumas vigiar as comunicações do/a teu/tua parceiro/a (telemóvel, email, redes sociais)?			0.593	
24. Já pensaste espiar secretamente o/a teu/tua parceiro/a?			0.610	
26. Já pediste a alguém para vigiar o/a teu/tua parceiro/a?			0.590	
27. Vigias secretamente o perfil do/a teu/tua parceiro/a nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?			0.486	
35. Mexes nos objetos pessoais do/a teu/tua parceiro/a por desconfiança (ex: carteira, mala, computador, etc.)?			0.582	
37. Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumavas insultá-lo/a?			0.544	
	Valor próprio	5.78	5.38	3.87
	Variância explicada (%)	16.99	15.82	11.40
	Média	2.19	1.66	1.38
	Desvio-padrão	0.64	0.51	0.42
	α	0.86	0.89	0.80

6.3.2 Análise da consistência interna

Com vista a avaliar a fidelidade do QCRAA, efetuou-se o cálculo do *Alpha de Cronbach*, visto este permitir avaliar a consistência interna do instrumento.

Considerando que os valores do *Alpha de Cronbach* variam entre 0 e 1, sendo este aceite quando superior a 0.70, pode-se verificar que o QCRAA apresenta uma boa consistência interna, sendo o valor do α global igual a 0.92, podendo considerar-se excelente (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Relativamente ao *Alpha de Cronbach* de cada um dos fatores encontrados com a AFE, podemos observar que todos se encontram acima de 0.70, designadamente: a preocupação ($\alpha = 0.86$); o controlo do comportamento ($\alpha = 0.89$); e investigação/agressão ($\alpha = 0.80$). Podemos assim denotar que existe uma consistência interna elevada tanto na escala completa, como em cada uma das dimensões da mesma.

6.4 Análise dos principais resultados obtidos⁴

6.4.1 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - sexo

De forma a testar as diferenças de sexo entre os resultados obtidos nas diversas dimensões do QCRAA, utilizou-se o teste *t-Student*, visto este servir para testar se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Maroco, 2010; Martins, 2011).

Tendo em conta os pressupostos inerentes a este teste estatístico (normalidade das distribuições e homogeneidade das variâncias), podemos observar com os valores encontrados através do teste de Levene (*Preocupação* ($F(1,314) = 2.19, p = .140$); *Controlo do comportamento* ($F(1,314) = 0.86, p = .356$); *Investigação/Agressão* ($F(1,314) = 1.20, p = .275$); e escala completa ($F(1,314) = 0.68, p = .412$)), que os mesmos se encontram verificados.

Relativamente às diferenças encontradas através do teste *t-Student*, podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão “Investigação/Agressão” ($t(314) = 2.95, p < .05$). Assim, na referida dimensão as

⁴ Os procedimentos estatísticos apresentados foram realizados retirando os sujeitos que nunca tinham estado numa relação amorosa. Foram também efetuadas análises tendo apenas em conta os sujeitos que nunca tinham estado numa relação amorosa. Esses resultados não são descritos, pois não existiam diferenças dos apresentados no presente estudo.

raparigas apresentam uma média significativamente superior à dos rapazes (respetivamente 1,43 e 1,28).

Para as restantes dimensões não foram encontradas diferenças de sexo estatisticamente significativas (*Preocupação* ($t(314) = 1.35, p = .177$); *Controlo do comportamento* ($t(314) = 0.35, p = .727$), tal como não foram encontradas diferenças de sexo estatisticamente significativas na escala completa ($t(314) = 1.33, p = .186$).

Na tabela 7 podem observar-se as médias obtidas em cada uma das dimensões tendo em conta o sexo, bem como os resultados encontrados com o teste *t*-Student.

Tabela 7: Análise das diferenças das dimensões do QCRAA, tendo em conta o sexo (teste *t*-Student)

Dimensões	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>P</i>
Preocupação	F	217	2.22	0.67	1.35	.177
	M	99	2.18	0.58		
Controlo do comportamento	F	217	1.67	0.50	0.35	.727
	M	99	1.65	0.54		
Investigação/Agressão	F	217	1.43	0.42	2.95	.003
	M	99	1.28	0.39		
Escala Total	F	217	1.77	0.44	1.33	.186
	M	99	1.70	0.42		

Tendo em conta os resultados obtidos e visto a AFE ter agrupado num único fator a investigação e a agressão, foi efetuada uma análise “mais fina” dos resultados obtidos no fator *Investigação/Agressão* (uma análise item a item), através do teste de Mann-Whitney.

Assim, através deste procedimento estatístico foram analisadas as diferenças de médias tendo em conta o sexo dos/as participantes para os diversos itens que compõem a dimensão *Investigação/Agressão*. Através do teste de Mann-Whitney pretendia-se compreender de forma mais aprofundada quais os itens nos quais as participantes do sexo feminino apresentavam médias mais elevadas, e qual a relação destes itens com cada uma das temáticas compreendidas nesta dimensão.

Tabela 8: Diferenças de sexo na dimensão Investigação/Agressão (Teste de Mann-Whitney)

Itens	Sexo		U
	Masculino Ordem Média	Feminino Ordem Média	
3 - Tu e o/a teu/tua parceiro/a costumam insultar-se no quotidiano?	146.55	163.95	9558.50
10 - Lêes secretamente as SMS's do/a teu/tua parceiro/a?	152.62	161.18	10159.50
13 - Sentes/já sentiste vontade de ser agressivo/a fisicamente com o/a teu/tua parceiro/a?	145.51	164.43	9455.50
20 - Costumas vigiar as comunicações do/a teu/tua parceiro/a (telemóvel, email, redes sociais)?	136.36	167.77	8512.00***
24 - Já pensaste espiar secretamente o/a teu/tua parceiro/a?	157.48	158.24	10640.50
26 - Já pediste a alguém para vigiar o/a teu/tua parceiro/a?	155.48	159.15	10443.00
27 - Vigias secretamente o perfil do/a teu/tua parceiro/a por redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	143.89	165.16	9295.50
35 - Mexes nos objetos pessoais do/a teu/tua parceiro/a por desconfiança (ex: carteira, mala, computador, etc.)?	154.99	159.38	10394.50
37 - Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumam insultá-lo/a?	131.65	170.75	8083.00***

*** $p < .001$

Na tabela 8 podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo dos/as participantes nos itens 20 ($U = 8512.00$, $p = .001$) e no item 37 ($U = 8083.00$, $p < .001$), sendo que em ambos as jovens do sexo feminino apresentam médias mais altas que os jovens do sexo masculino. Embora nos restantes itens não existam diferenças significativas tendo em conta o sexo dos sujeitos, é de referir que os jovens do sexo masculino apresentam em todos os itens médias mais baixas que as jovens do sexo feminino.

6.4.2 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - tipo de relação (homossexual / heterossexual)

Tendo em conta o que foi referido anteriormente acerca do teste t -Student, utilizou-se o mesmo método estatístico para avaliar as diferenças de médias das dimensões tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes.

Através do teste de Levene, pode observar-se a verificação dos pressupostos inerentes ao método estatístico utilizado ((Preocupação ($F(1,262) = 0.07$, $p = .786$);

Controlo do comportamento ($F(1,262) = 0.48$; $p = .489$); *Investigação/Agressão* ($F(1,262) = 2.26$, $p = .134$); e escala completa ($F(1,262) = 0.00$, $p = .962$).

Na tabela 8 podem ser observadas as médias obtidas em cada uma das dimensões tendo em conta o tipo de relação (homossexual / heterossexual), bem como os resultados encontrados com o teste *t*-Student.

Tabela 9: Análise das diferenças das dimensões do QCRAA, tendo em conta o tipo de relação (teste *t*-Student)

Dimensões	Tipo de relação	N	Média	Desvio Padrão	t	P
Preocupação	Hetero	223	2.18	0.65	0.32	0.750
	Homo	41	2.21	0.60		
Controlo do comportamento	Hetero	223	1.69	0.51	1.00	0.320
	Homo	41	1.60	0.56		
Investigação/Agressão	Hetero	223	1.39	0.41	0.38	0.706
	Homo	41	1.37	0.35		
Escala Total	Hetero	223	1.76	0.43	0.41	0.685
	Homo	41	1.73	0.45		

Através da análise dos resultados encontrados no teste *t*-Student, pode observar-se que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o tipo de relação (homossexual / heterossexual) em nenhuma das dimensões do QCRAA (*Preocupação* ($t(262) = 0.32$, $p = .750$); *Controlo do comportamento* ($t(262) = 1.00$, $p = .320$); *Investigação/Agressão* ($t(262) = 0.38$, $p = .706$)), bem como na escala completa ($t(262) = 0,41$; $p=0,685$).

Embora as diferenças de médias não se apresentem como estatisticamente significativas, é de referir que os/as participantes que relatam uma relação homossexual apresentam médias mais baixas tanto na Escala Completa, como nas dimensões *Controlo do comportamento* e *Investigação/Agressão*, do que os/as participantes que relatam relações homossexuais. Assim os participantes que têm em conta relações homossexuais nas suas respostas ao QCRAA, apenas apresentam médias mais elevadas na dimensão *Preocupação*.

6.4.3 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - estabilidade da relação

Para observar se existiam diferenças estatisticamente significativas nas diferentes dimensões do QCRAA, tendo em conta a estabilidade da relação que os/as participantes tiveram em conta para responder ao questionário, foi também utilizado o teste *t*-Student.

No teste de Levene os resultados encontrados demonstram a homogeneidade das variâncias (*Preocupação* ($F(1,217) = 2.43, p = .121$); *Controlo do comportamento* ($F(1,217) = 0.01, p = .916$); *Investigação/Agressão* ($F(1,217) = 0.08, p = .777$); e escala completa ($F(1,217) = 0.12, p = .734$)), podendo prosseguir-se com a leitura dos resultados obtidos no teste *t*-Student.

Na tabela 9, podem observar-se as médias para cada uma das dimensões do QCRAA, tendo em conta a estabilidade da relação, bem como os resultados do teste *t*-Student.

Tabela 10: Análise das diferenças das dimensões do QCRAA, tendo em conta a estabilidade da relação (teste *t*-Student)

Dimensões	Estabilidade da relação	N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>P</i>
Preocupação	Estável	179	2.07	0.60	3.70	.000
	Não estável	40	2.47	0.70		
Controlo do comportamento	Estável	179	1.66	0.54	0.07	.948
	Não estável	40	1.66	0.51		
Agressão	Estável	179	1.39	0.40	1.09	.276
	Não estável	40	1.46	0.41		
Escala Total	Estável	179	1.71	0.43	1.66	.098
	Não estável	40	1.84	0.44		

Através do teste *t*-Student, pode observar-se que existem diferenças estatisticamente significativas para a dimensão “Preocupação” ($t(217) = 3.70, p < .001$). Assim na dimensão “Preocupação”, os/as participantes que responderam ao questionário tendo em conta uma relação não estável, apresentam uma média significativamente superior à dos/as que tiveram em conta uma relação estável (respetivamente; 2,47 e 2,07).

Para as restantes dimensões não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (*Controlo do comportamento* ($t(217) = 0.07, p = .948$); *Investigação/Agressão* ($t(217) = 1.09, p = .276$), tal como não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala completa ($t(217) = 1.66, p = .098$).

6.4.4 Comparação de médias das dimensões com as variáveis independentes - nível de ensino

Por último o teste *t*-Student foi ainda utilizado para a comparação de médias em cada uma das dimensões do QCRAA tendo em conta o nível de ensino que os/as participantes frequentavam quando responderam ao questionário.

No teste de Levene os resultados encontrados demonstram a homogeneidade das variâncias em duas das dimensões do QCRAA (*Controlo do comportamento* ($F(1,314) = 1.57, p = .212$); *Investigação/Agressão* ($F(1,314) = 2.80, p = .095$)). Para a dimensão “Preocupação”, bem como para a escala completa, o teste de Levene apresentou resultados que demonstram não existir homogeneidade das variâncias (*Preocupação* ($F(1,314) = 15.474, p = .000$); escala completa ($F(1,314) = 11.861, p = .001$)), sendo tal resultado tido em conta para a leitura dos resultados do teste *t*-Student.

Através dos resultados obtidos, pode observar-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões do QCRAA tendo em conta o nível de ensino frequentado pelos/as participantes (*Preocupação* ($t(314) = 0.08, p = .936$); *Controlo do comportamento* ($t(314) = 0.80, p = .426$); *Investigação/Agressão* ($t(314) = 0.51, p = .612$)), bem como na escala completa ($t(314) = 0.55, p = .584$).

Na tabela 10, podem observar-se as médias para cada uma das dimensões do QCRAA, tendo em conta o nível de ensino frequentado pelos/as participantes, tal como os resultados do teste *t*-Student.

Tabela 11: Análise das diferenças das dimensões do QCRAA, tendo em conta o nível de ensino (teste *t*-Student)

Dimensões	Nível de ensino	N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i>	<i>P</i>
Preocupação	Secundário	171	2.19	0.72	0.08	.936
	Universidade	145	2.19	0.54		
Controlo do comportamento	Secundário	171	1.64	0.54	0.80	.426
	Universidade	145	1.69	0.49		
Investigação/Agressão	Secundário	171	1.37	0.44	0.51	.612
	Universidade	145	1.40	0.39		
Escala Total	Secundário	171	1.74	0.49	0.55	.584
	Universidade	145	1.76	0.37		

6.4.5 Preocupação com a infidelidade emocional ou sexual do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e o tipo de relação (homossexual / heterossexual)

De forma a compreender se existem diferenças estatisticamente significativas na preocupação com o tipo de infidelidade (emocional ou sexual) do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e a orientação sexual dos/as participantes, recorreu-se ao Teste de Kruskal-Wallis.

Os resultados alcançados com o referido procedimento estatístico mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes nas respostas aos itens 14 - infidelidade emocional ($\chi^2(3) = 2.84, p = .418$) e 34 - infidelidade sexual ($\chi^2(3) = 2.56, p = .465$), como podemos observar na tabela 12.

Tabela 12: Preocupação com infidelidade emocional e sexual do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes (teste de Kruskal-Wallis)

Preocupação com Infidelidade	Sexo / Orientação Sexual	N	Ordem Média	χ^2	P
Emocional	Homem Homo	14	163.46	2.84	.418
	Homem Hetero	63	130.24		
	Mulher Homo	27	126.50		
	Mulher Hetero	160	131.69		
Sexual	Homem Homo	14	140.29	2.56	.465
	Homem Hetero	63	121.08		
	Mulher Homo	27	128.07		
	Mulher Hetero	160	137.06		

Visto não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente à preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as participantes em simultâneo, foi realizado o mesmo procedimento estatístico para cada uma das variáveis separadamente.

Assim, podemos observar os resultados encontrados através do Teste de Kruskal-Wallis, relativamente à preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo dos/as participantes na tabela 13.

Tabela 13: Preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta o sexo dos/as participantes (teste de Kruskal-Wallis)

Preocupação com Infidelidade	Sexo	N	Ordem Média	χ^2	P
Emocional	Masculino	99	155.37	0.19	.665
	Feminino	217	159.93		
Sexual	Masculino	99	156.21	0.10	.749
	Feminino	217	159.54		

Os resultados alcançados permitem-nos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo dos/as participantes nas

respostas aos itens 14 - infidelidade emocional ($\chi^2(1) = 0.19, p = .665$) e 34 - infidelidade sexual ($\chi^2(1) = 0.10, p = .749$).

Na tabela 14, podemos observar os resultados alcançados através do Teste de Kruskal-Wallis, relativamente à preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes.

Tabela 14: Preocupação com o tipo de infidelidade do/a parceiro/a, tendo em conta a orientação sexual dos/as participantes (teste de Kruskal-Wallis)

Preocupação com Infidelidade	Orientação	N	Ordem Média	χ^2	P
Emocional	Homossexual	41	139.12	0.41	.523
	Heterossexual	223	131.28		
Sexual	Homossexual	41	132.24	0.00	.980
	Heterossexual	223	132.55		

Assim, podemos observar que os/as participantes não diferem no tipo de preocupação com a infidelidade do/a parceiro/a tendo em conta a orientação sexual, visto não existirem diferenças significativas entre as respostas ao item 14 - infidelidade emocional ($\chi^2(1) = 0.41, p = .523$) e ao item 34 - infidelidade sexual ($\chi^2(1) = 0.00, p = .980$).

6.4.6 Correlação entre a duração da relação e as dimensões do QCRAA

De forma a compreender se existem correlações entre a duração da relação tida em conta nas respostas dadas no QCRAA, e as diversas dimensões do mesmo, foram utilizadas correlações de Person (r). Os resultados obtidos podem ser observados na tabela 15.

Tabela 15: Correlações de Pearson

	Tempo rel. amorosa	Preocupação	Controlo do comportamento	Investigação/Agressão	Escala completa
Tempo rel. Amorosa	-				
Preocupação	-.07	-			
Controlo do comportamento	-.00	.62**	-		
Investigação/Agressão	.12	.39**	.55**	-	
Escala completa	-.01	.84**	.89**	.70**	-

** A correlação é significativa ao nível 0.001

Os resultados obtidos permitem observar que não existem correlações entre o tempo das relações amorosas e as dimensões do QCRAA (*Preocupação* ($r = -.07$, $p = .372$); *Controlo do Comportamento* ($r = -.00$, $p = .974$); *Investigação/Agressão* ($r = .12$, $p = .118$)), tal como não existem correlações entre o tempo das relações amorosas e a Escala Completa ($r = -.01$, $p = .928$).

Por outro lado podemos observar que todas as dimensões do QCRAA, estão correlacionadas positivamente entre elas, bem como com a Escala Completa. Assim, podemos denotar que existem correlações positivas entre a dimensão *Preocupação* e a dimensão *Controlo do Comportamento* ($r = .62$, $p = .000$); entre a dimensão *Preocupação* e a dimensão *Investigação/Agressão* ($r = .39$, $p = .000$); entre a dimensão *Preocupação* e a *Escala Completa* ($r = .84$, $p = .000$); entre a dimensão *Controlo do Comportamento* e a dimensão *Investigação/Agressão* ($r = .55$, $p = .000$); entre a dimensão *Controlo do Comportamento* e a *Escala Completa* ($r = .89$, $p = .000$); e entre a dimensão *Investigação/Agressão* e a *Escala Completa* ($r = .70$, $p = .000$).

7. Discussão global dos resultados obtidos

A presente discussão pressupõe uma síntese reflexiva dos resultados obtidos, e anteriormente descritos, bem como uma resposta às questões de investigação propostas.

Através da análise psicométrica dos resultados obtidos foi possível observar a fidelidade e validade do instrumento criado. Desta forma foi possível compreender que o instrumento media os constructos que se pretendiam avaliar, e que os resultados obtidos poderiam ser utilizados para análise e compreensão do ciúme nas relações amorosas de adolescentes.

Foi ainda possível compreender que o Questionário em causa media com qualidade, três dimensões inerentes ao ciúme (*Preocupação; Controlo do comportamento e Investigação/Agressão*), tendo sido agrupadas no mesmo fator a dimensão *Investigação e Agressão*. Todas as dimensões apresentaram médias superiores a 1, o que nos permite observar que todas elas estão presentes nas relações amorosas de adolescentes e jovens adultos/as.

A análise descritiva das respostas ao QCRAA, permitiu-nos observar que existem indicadores de ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as, e que em todos os itens existiu pelo menos uma resposta para cada extremo da escala, demonstrando a variabilidade do ciúme nestas relações. Pode ainda ser observado que o item com a média mais elevada (1 - Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a não ser sincero/a contigo?) está diretamente relacionado com a falta de confiança no/a parceiro/a, enquanto o item com a média mais baixa (4 - Agrides/já agrediste fisicamente o/a teu/tua parceiro/a?) está relacionado com a agressão física do/a parceiro/a. Estes resultados estão em concordância com a literatura nesta área, visto nas relações amorosas de adolescentes a agressão física ocorrer de forma pontual, sendo na maioria das vezes inexistente, o que vai também ao encontro do ciclo da violência em relações amorosas (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006). Por outro lado os valores elevados no item 1 demonstram a preocupação inerente a este tipo de relação amorosa muitas das vezes sinalizadora de situações que podem vir a agravar-se com o tempo, e que mostram o medo, a insegurança e a dependência que alguns/algumas jovens experienciam no seio das relações de namoro (Rodríguez et al., 2006).

De forma a compreender se existem diferenças no ciúme, bem como nas suas diferentes dimensões, tendo em conta o género foram realizadas algumas análises dos resultados que permitiram retirar algumas conclusões.

Pode então observar-se que apenas existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas na dimensão *Investigação/Agressão*, apresentando as participantes do sexo feminino valores mais elevados. Assim, podemos denotar que existem diferenças relativamente ao género no que concerne ao ciúme, sendo que as raparigas apresentam maior necessidade de controlar/vigiar os comportamentos do/a parceiro/a. Esta conclusão vai também ao encontro das perspetivas teóricas sobre o ciúme, visto tanto este sentimento, como as suas manifestações relacionadas com ações desadequadas por parte dos/as parceiros/as, ser na maioria das vezes apresentado por mulheres (Foshee, Bauman, Linder, Rice & Wilcher, 2007). É ainda de salientar que após uma análise mais aprofundada dos resultados encontrados nesta dimensão, foi possível compreender que os itens nos quais se apresentavam diferenças estatisticamente significativa estavam relacionados com vigiar as comunicações do/a parceiro/a, tais como telemóvel, email e redes sociais; e insultar o/a parceiro/a quando estão chateados/as. Através da análise destes resultados podemos observar que os comportamentos de investigação e agressão nos quais as raparigas apresentam médias mais elevadas, vão ao encontro dos estudos sobre esta temática. Estes comportamentos estão relacionados com a afetividade e emoção, correspondendo a um tipo de violência psicológica e ao controlo mais subtil do comportamento (López & Rodríguez, 2008; Rodríguez et al., 2006).

Relativamente às diferenças no ciúme tendo em conta a orientação sexual dos/as jovens, parecem não ser significativas. Os resultados encontrados relativamente à orientação sexual, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas nem na Escala Completa, nem em nenhuma das suas dimensões. Estes resultados podem dever-se ao período da vida no qual os/as participantes se encontram, visto a sua identidade e orientação sexual poder encontrar-se numa fase de experimentação (Graber & Archibald, 2001). É ainda de salientar que a orientação não foi diretamente indicada pelos/as participantes, tendo sido definida pelo sexo do/a participante e pelo sexo do/a parceiro/a, o que apresentou apenas a orientação sexual para a relação tida em conta na resposta ao questionário, que poderia, ou não, coincidir com a orientação com a qual o sujeito se identifica.

No que concerne ao ciúme tendo em conta a estabilidade da relação amorosa, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas na dimensão

preocupação. Estas diferenças mostram-nos que os/as jovens possuem níveis mais elevados de preocupação quando se encontram numa relação não estável. Através da análise deste resultados é possível observar que os/as jovens confiam mais no/a parceiro/a amoroso/a quando se encontram numa relação que consideram estável. Por outro lado não foram apresentadas diferenças nas restantes dimensões nem na Escala Completa, o que demonstra que o ciúme, bem como os comportamentos característicos do mesmo, não cessam quando a relação é estável.

Considerando o nível de ensino dos/as participantes, é de referir que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no ciúme, nem em nenhuma das suas dimensões. Assim, podemos observar que não existem diferenças no ciúme entre alunos/as que frequentam o ensino secundário e universitário, ao contrário do que era proposto por Karney e colaboradores (2007a), que referia que em fases mais tardias da adolescência os ciúmes estavam mais presentes nas relações amorosas, que em fases mais precoces. De qualquer forma, os resultados podem ser explicados pela proximidade das idades dos/as participantes, pois embora se encontrassem em níveis de ensino diferentes, as suas idades encontravam-se entre os 17 e os 21 anos, tendo a maioria 18 anos.

Em relação aos diferentes tipos de infidelidade (sexual e emocional) e à sua influência no ciúme tendo em conta o sexo e orientação sexual dos/as jovens, e ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças significativas. Assim, contrariamente ao que acontece em relações amorosas de adultos/as, homo e heterossexuais, observa-se nesta amostra que os/as jovens não apresentam mais preocupação com determinado tipo de infidelidade por parte do/a parceiro/a, não existindo diferenças de género nem de orientação sexual. Seria esperado que os rapazes heterossexuais apresentassem maior preocupação com a infidelidade sexual da parceira, enquanto as raparigas homo e heterossexuais, bem como os rapazes homossexuais, apresentassem maior preocupação com a infidelidade emocional do/a parceiro/a (Buss, 1989; Buss, 1995; Dijkstra et al., 2001; Marazziti et al., 2003; Sheets & Wolfe, 2001). Os resultados obtidos, e tal como aconteceu relativamente às diferenças no ciúme tendo em conta a orientação sexual, podem dever-se à fase da vida na qual se encontram os/as participantes, e à fase de experimentação da sua sexualidade, resultando numa orientação sexual pouco definida, não apresentando dessa forma características de indivíduos com determinada orientação sexual.

No que respeita às correlações entre a duração da relação amorosa e o ciúme, verificou-se que não existem correlações estatisticamente significativas. Desta forma

podemos referir que o tempo da relação não influencia o ciúme nem as várias dimensões do mesmo.

Relativamente às correlações do QCRRA, é de referir que existem correlações estatisticamente significativas entre todas as dimensões, bem como entre estas e a *Escala completa*. Desta forma, pode observar-se que as várias dimensões constituintes do QCRAA estão correlacionadas com o ciúme, e que existem correlações fortes entre as diferentes dimensões.

Conclusões gerais

As relações amorosas durante a adolescência foram durante um longo período de tempo ignoradas nos estudos sobre violência psicológica e/ou física, tal devia-se à ideia de que nelas não existia violência, pois eram pouco duradouras e com baixos níveis de compromisso (Sánchez et al., 2008). Alguns estudos indicam que os/as jovens desenvolvem relações que duram longos períodos de tempo e que tendem a consolidar-se, existindo níveis de compromisso e intimidade mais elevados e muitas das vezes violência psicológica e/ou física (Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Desta forma importa compreender o que está na base do desenvolvimento da violência neste tipo de relações.

O ciúme romântico parece ser um dos fenómenos que influencia o desenvolvimento de violência em relações amorosas de adolescentes, sendo na maioria das vezes o impulsionador deste tipo de situações, o que se agrava com a aceitação social deste sentimento, bem como dos comportamentos que do mesmo derivam (López & Rodríguez, 2008; White, 1981).

Aliada à aceitação social do ciúme romântico, está a aceitação e reforço deste tipo de comportamentos por parte do grupo de pares. Sabemos que o grupo de pares adquire um papel fundamental durante a adolescência, podendo desta forma influenciar a visão e aceitação deste fenómeno.

Desta forma, e tendo em conta os resultados obtidos no presente estudo, podemos observar que o ciúme romântico, tal como os comportamentos relacionados com o mesmo, parecem estar presentes nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as. Pode ainda inferir-se que estes comportamentos são aceites, e até mesmo esperados, tanto pelos/as jovens, como pela sociedade o que traz implicações negativas no início e desenvolvimento de relações amoras saudáveis durante a adolescência. Visto ser durante esta fase da vida que se começa a idealizar o amor e a compreender as relações amorosas (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006), acreditamos que as experiências vividas neste período poderão influenciar as relações estabelecidas ao longo da vida. Assim, tanto quem sente e demonstra ciúme patológico, como o/a parceiro/a do/a mesmo/a, poderrá viver situações que lhe provocaram mal-estar e que poderão manter-se durante longos períodos de tempo.

Tendo em conta os resultados obtidos neste estudo, será ainda de sublinhar a existência de comportamentos de investigação e invasão da privacidade do/a parceiro/a, principalmente por parte das raparigas. Este tipo de comportamentos -

característicos do ciúme - estão interligados, na sua maioria, ao excesso de utilização das telecomunicações, e principalmente das redes sociais (*Facebook, Twiter, etc.*). Tal como é observado por Muise e colaboradores (2009), a pesquisa de veracidade dos comportamentos que o/a parceiro/a diz possuir é feita diariamente através das redes sociais, levando a situações de desconforto no casal e a baixos níveis de privacidade. As referidas situações, poderão estar na base de discussões e agressões, e poderão desencadear violência física e/ou psicológica. É ainda de ressaltar que os comportamentos de investigação e/ou agressão demonstram que existe falta de confiança e uma baixa comunicação entre parceiros/as amorosos/as, o que leva ao aumento do grau de ciúme, formando desta forma um ciclo contínuo.

Assim, parece-nos ser de extrema importância aprofundar os resultados encontrados através de novos estudos sobre ciúme com adolescentes e jovens adultos/as, considerando o sexo e a orientação sexual. Será ainda de ressaltar que as experiências e comportamentos vividos durante a adolescência, e início da vida adulta poderão influenciar em larga escala a compreensão e vivência das relações amorosas ao longo da vida. Torna-se então extremamente premente o estudo e compreensão do início e desenvolvimento destas relações amorosas, principalmente no que concerne à violência, seja ela física ou psicológica.

Limitações do estudo

Uma das principais limitações do presente estudo está relacionada com a amostra. Visto um dos objetivos do estudo ser a comparação entre jovens homo e heterossexuais, e a maioria dos/as jovens que responderam ao questionário na sua versão em papel relatar relações heterossexuais, foi necessário recorrer a uma versão *online* para obter respostas de jovens com relações homossexuais. Desta forma a população que respondeu ao questionário tendo em conta uma relação homossexual encontrava-se numa situação de investigação distinta, visto responder ao questionário na sua versão *online*, o que poderá ter influenciado as suas respostas.

Outra das limitações a apontar prende-se com o facto de muitos dos sujeitos não indicarem qual o sexo do/a parceiro/a, tendo as suas respostas sido excluídas em todas as análises que contemplavam a orientação sexual dos/as participantes.

Por último é de referir que apenas existia uma pergunta sobre cada tipo de infidelidade (sexual e emocional) do/a parceiro/a que mais preocupava os/as jovens, o que levou a resultados pouco conclusivos acerca desta questão. Será então

necessária uma revisão do QCRAA, de forma a incluir no mesmo um maior número de questões sobre esta temática.

Estudos futuros

Em posteriores estudos será necessário um maior número de participantes, bem como alterações ao nível das perguntas relativas aos dados de caracterização dos/as participantes, de forma a colmatar as limitações anteriormente referidas.

Para além das sugeridas investigações com a vista à compreensão mais aprofundada deste fenómeno em relações amorosas de adolescentes, e da referida revisão do QCRAA, será de sublinhar a importância de incluir mais algumas questões em estudos futuros.

Sugerimos então que em futuras investigações se tenham em conta não só a percepção dos/as jovens sobre o ciúme, como também a percepção que o seu grupo de pares possui deste fenómeno. Sugerimos ainda que se tenham em conta as relações amorosas e as habilitações literárias dos/as progenitores/as dos/as jovens, visto estas variáveis puderem influenciar em larga escala a compreensão deste fenómeno por parte dos/as jovens (Rodríguez et al., 2006).

Implicações para a intervenção

Tendo em conta as implicações na intervenção, bem como a relevância do presente estudo para a área da Psicologia da Educação, é de referir que os resultados obtidos poderão apoiar o desenvolvimento de programas de intervenção com vista a diminuir a violência em relações de namoro. Estes programas, sendo adaptados à sociedade, e tendo por base dados reais dos/as alunos/as portugueses/as, poderão influenciar em larga escala os resultados alcançados nos mesmos. Terá então extrema importância observar os diversos fenómenos relacionados com as relações amorosas na adolescência, bem como as diversas formas de violência existentes nas mesmas, para atuar de forma preventiva.

Assim, através de uma compreensão mais aprofundada acerca das questões do ciúme nas relações amorosas dos adolescentes, poderá existir uma intervenção mais compreensiva e adequada na prevenção do desenvolvimento deste sentimento nas relações amorosas. Sabendo que o ciúme é muitas das vezes o sentimento que está na base do desenvolvimento de situações de violência neste tipo de relações (Rodríguez et al., 2006), será de extrema importância compreender o início e desenvolvimento deste nas relações amorosas de adolescentes. Assim, partindo da observação deste fenómeno, os/as psicólogos/as poderão pensar e criar formas de

intervenção sobre o ciúme, potenciando a vivência saudável das relações amorosas durante a adolescência.

Será ainda importante ter em conta que a violência nas relações de namoro durante a adolescência, em muito poderá influenciar a vivência saudável das relações amorosas ao longo da vida adulta (González-Ortega et al., 2008; Rodríguez et al., 2006; Sánchez et al., 2008). Desta forma, será extremamente relevante compreender as experiências que poderão ser vividas pelos/as jovens, e como estas influenciam a sua vida, para posteriormente se observar de forma compreensiva as relações desenvolvidas e mantidas ao longo da vida adulta. Assim, o presente estudo poderá influenciar tanto a intervenção com jovens e jovens adultos/as, como a intervenção com adultos/as.

Estes resultados poderão ainda ser importantes para a intervenção em psicologia da educação, não só em gabinetes de apoio à vítima e em associações que trabalhem as questões em causa, como também em contexto escolar.

A escola é um meio privilegiado de transmissão de conhecimentos e informações, que detém não apenas o poder de educar as novas gerações, como o dever de lhes garantir uma permanente ação formativa que favoreça o desenvolvimento individual e social, e a democratização da sociedade (Lei de Bases do sistema Educativo – Lei 49/2005). Assim, a escola não será apenas um local de transmissão de conhecimentos académicos, como também de aprendizagens de vivência em sociedade e cidadania

Desta forma podemos observar que o presente estudo vai ao encontro das propostas realizadas para a Educação Sexual nas escolas, onde dois dos temas propostos pelo Grupo de Trabalho de Educação Sexual [GTES] (2007) são: a “prevenção da violência em meio escolar” e a “melhoria dos relacionamentos afetivo-sexuais”.

Será extremamente importante compreender que as relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as são tão ou mais importantes que as relações que se desenrolam na vida adulta, visto durante esta fase da vida existir uma falta de experiência e maior aceitação de comportamentos agressivos (Retana & Sánchez, 2005; Rodríguez et al., 2006). Desta forma, será de sublinhar a importância de uma intervenção preventiva do ciúme, antes e durante a adolescência. Será importante dar a conhecer aos/às alunos/as este fenómeno bem como as possíveis consequências do mesmo, capacitando-os/as para lidar com os seus sentimentos ao longo da vida, e

fornecendo-lhes uma imagem saudável das relações amorosas, bem como das manifestações de amor e afeto ao longo da vida.

Por último, mas não menos importante, é de referir a importância do estudo das relações amorosas dos/as jovens, tendo em conta a sua orientação sexual.

Atualmente existe uma maior preocupação com a vivência saudável das relações amorosas, sejam estas hetero ou homossexuais, mas os estudos sobre relações amorosas de jovens homossexuais são ainda muito escassos.

Nas relações homossexuais, tal como nas heterossexuais, podem ser experienciadas situações de violência e abuso (Rodrigues, Nogueira & Oliveira, 2010), desta forma estudos que tenham em conta as diversas orientações sexuais poderão influenciar a intervenção psicológica bem como fundamentá-la teoricamente. Assim o presente estudo contribui também para intervenções com vista à prevenção do desenvolvimento de violência em relações homossexuais, o que ainda hoje é uma necessidade no nosso país.

Por último é de referir que a análise dos resultados alcançados poderá fornecer uma visão global do ciúme e da sua influência nas relações amorosas, proporcionando aos/às psicólogos/as a possibilidade de agir com vista à mudança, e não com uma visão remediativa, olhando este fenómeno não só ao nível individual como também ao nível da comunidade, principalmente através de uma perspectiva preventiva (Melo, 2010).

Assim, poderemos concluir que a análise dos resultados encontrados no presente estudo poderá influenciar a intervenção em psicologia da educação a diversos níveis, proporcionando uma visão mais compreensiva e abrangente do ciúme nas relações amorosas dos/as adolescentes e jovens adultos/as, bem como das suas manifestações.

Referências

- Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios
- Amado, N. (2010). *Diz-me a verdade sobre o amor*. Alfragide: Academia do Livro.
- American Psychological Association [APA] (2008). *Answers to your questions: for a better understanding of sexual orientation and homosexuality*. Washington, DC. <http://www.apa.org/topics/sexuality/orientation.aspx#> (Pesquisa em Agosto de 2012).
- Assembleia da República, Lei 49/2005. Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República, I Série – A.
- Berger, L., McMakin, D. & Furman, W. (2005). The language of love: Romantic relationships in adolescence. In Williams, A. & Thurlow, C. (Eds.), *Talking adolescence: perspectives on communication in the teenage years* (pp. 129-145). New York: Peter Lang.
- Bevan, J. L. & Lannutti, P. J. (2002). The experience and expression of romantic jealousy in same-sex and opposite-sex romantic relationships. *Communication research reports*, 19 (3), 258-268.
- Blakemore, J. E. O., Berenbaum, S. A. & Liben, L. S. (2009). Biological foundations of sex and gender. In Blakemore, J. E. O., Berenbaum, S. A. & Liben, L. S. (Eds.), *Gender development* (pp. 39-68). New York: Psychology Press.
- Bouchey, H. A. & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In Adams, G. R. & Berzonsky, M. D. (Eds.) *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313-329) Malden: Blackwell Publishing Ltd.
- Buunk, B. P., Angleitner, A., Oubaid, V. & Buss, D. M. (1996). Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: Tests from the Netherlands, Germany, and the United States. *Psychological Science*, 7 (6), 359-363.

- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and brain sciences*, 12, 1-49.
- Buss, D. M. (1995). Evolutionary psychology: A new paradigm for Psychological Science. *Psychological Inquiry*, 6 (1), 1-30.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D. & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, Physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3, 251-255.
- Carvalho, L., Bueno, J. & Kebleris, F. (2008). Estudos psicométricos preliminares do Inventário de Ciúme Romântico – ICR. *Avaliação Psicológica*, 7, 335-346.
- DeSteno, D. A. & Salovey, P. (1996). Evolutionary origins of sex differences in jealousy? Questioning the “Fitness” of the model. *Psychological Science*, 7 (6), 367-372.
- Dijkstra, P., Groothof, H., Poel, G. A., Laverman, T. G., Schrier, M. & Buunk (2001). Sex differences in the events that elicit jealousy among homosexuals. *Personal Relationships*, 8, 41-54.
- Edalati, A. & Redzuan, M. (2010). The relationship between jealousy and aggression: A review of literatures related to wives’ aggression. *European journal of scientific research*, 39 (4), 498-504.
- Erikson, E. H. (1968). Identity confusion in Life history and case history. In Erikson, E. H. (Ed.), *Identity youth and crisis* (pp. 142-207). New York: W. W. Norton & Company.
- Fleming, M. (1993). Adolescência e Autonomia - O Desenvolvimento e a Relação com os Pais. Porto: Edições Afrontamento.
- Foshee, V. A., Bauman, K. E., Linder, F., Rice, J. & Wilcher, R. (2007). Typologies of adolescent dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 498-519.

- Furman, W. & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103–115.
- Galambos, N. L. & Costigan, C. L. (2003). Emotional and personality development in adolescence. In Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A. & Mistry, J. (Eds.), *Handbook of psychology: volume 6, Development psychology*. (pp. 351-372) New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- González-Ortega, I., Echeburúa, E. & Corral, P. (2008). Variables significativas en las relaciones violentas en parejas jóvenes: una revisión. *Behavioral psychology / Psicología conductal*, 16 (2), 207-225.
- Graber, J. A. & Archibald, A. B. (2001). Psychosocial change at puberty and beyond: Understanding adolescent sexuality and sexual orientation. In D'Augelli, A. & Patterson, C. J. (Eds.), *Lesbian, Gay and Bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 3- 26). New York: Oxford University Press.
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual (2007). *Relatório final*. Lisboa. http://www.min-edu.pt/data/GTES_RELATORIO_FINAL.pdf (Pesquisa em outubro de 2011).
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L. & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (5ª ed.) (A. Sant'Anna & A. Neto, Trans.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Hupka, R.B. (1981). Cultural determinants of jealousy. *Alternative Lifestyles*, 4, 310-356.
- Hupka, R.B. & Ryan, J.M. (1990). The cultural contribution to jealousy: Cross-cultural aggression in sexual jealousy situations. *Behavior Science Research*, 24, 51-71.
- Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (2007a) Describing adolescents' beliefs, attitudes, and behaviors with respect to romantic relationships. In Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (Eds.)

Adolescent romantic relationships as precursors of healthy adult marriages: A review of theory, research, and programs (pp. 1-8). Santa Monica: RAND Corporation.

Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (2007b) Introduction. In Karney, B. R., Beckett, M. K., Collins, R. L. & Shaw, R. (Eds.) *Adolescent romantic relationships as precursors of healthy adult marriages: A review of theory, research, and programs* (pp. 1-8). Santa Monica: RAND Corporation.

Kerr, M., Stattin, H., Biesecker, G. & Ferrer-Wreder, L. (2003). Relationships with parents and peers in adolescence. In Lerner, R. M., Easterbrooks, M. A. & Mistry, J. (Eds.), *Handbook of psychology: volume 6, Development psychology* (pp. 395-419). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Kolak, A. M. & Volling, B. L. (2011). Sibling jealousy in early childhood: Longitudinal links to sibling relationships quality. *Infant and Child Development, 20*, 213-226.

López Zafra, E. & Rodríguez Espartal, N.(2008). Relación entre cultura del honor, celos y satisfacción en la pareja. *Boletín de Psicología, 94*, 7-22.

Marazziti, D., Di Nasso, E., Masala, I., Baroni, S., Abelli, M., Mengali, F., Mungai, F. & Rucci, P. (2003). Normal and obsessional jealousy: a study of a population of young adults. *European Psychiatry, 18*, 106-111.

Maroco, J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alpha de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia, 4* (1), 65-90.

Maroco, J. (2010). *Análise estatística - Com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Martin, C. L., Ruble D. N. & Szkrybalo J. (2002). Cognitive theories of early gender development. *Psychological Bulletin, 28* (6), 903-933.

- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM® SPSS®: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Melo, M. (2010). Contributos para um Modelo de Intervenção Psicológica em Contextos Educativos. *International Journal of Development and Educational Psychology* (INFAD). XXII (1), pp. 129-136.
- Morrow, D. F. (2009). Sexual orientation and gender identity expression. In Morrow, D. F. & Messinger, L. (Eds.) *Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people* (pp.3-17). New York: Columbia University Press.
- Moshman, D. (2005). *Adolescent psychological development: Rationality, morality and identity*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Muise, A., Christofides, E. & Desmarais, S. (2009). More information than you ever wanted: Does facebook bring out the green-eyed monster of jealousy?. *CyberPsychology & Behavior*, 12 (4), 441-444.
- Mullen, P. E. & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatric*, 1, 35-43
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M. (2008). A violência nas relações entre casais de namorados. *Fazendo género 8 - Corpo, violência e Poder*, 8, 1-8.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In Nogueira, C.; Oliveira, J. M.; Almeida, M. V.; Costa, C. G.; Rodrigues, L.; & Pereira, M. (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp.19-44). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Parker, J. G., Low, C. M., Walker, A. R. & Gamm, B. K. (2005). Friendship jealousy in young adolescents: Individual differences and links to sex, self-esteem, aggression, and social adjustment. *Development Psychology*, 41 (1), 235-250.

- Perry, D G. & Pauletti, R. E. (2011). Gender and adolescent development. Florida Atlantic University: *Journal of research on adolescence*, 21 (1), 61-74.
- Retana Franco, B. E. & Sánchez Aragón, R. (2005). Construcción y validación de una escala para medir adicción al amor en adolescentes. *Enseñanza e Investigación en psicología*, 10 (1), 127-141.
- Rodrigues, L., Nogueira, C. & Oliveira, J. M. (2010) Violência em casais LGBT - Estudo preliminar. In Nogueira, C.; Oliveira, J. M.; Almeida, M. V.; Costa, C. G.; Rodrigues, L.; & Pereira, M. (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp.243-266). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Rodríguez Martín, V. Sánchez Sánchez, C. & Alonso González, D. (2006). Creencias de adolescentes y jóvenes en torno a la violencia de género y las relaciones de pareja. *Portularia*, VI (2), 189-204.
- Rudman, L. A. & Glick, P. (2008). Love and romance. In *The social psychology of gender* (pp.204-230) New York: Guildford Press.
- Rydell, R. J. & Bringle, R. G. (2007). Differentiating reactive and suspicious jealousy. *Social behavior and personality*, 35 (8), 1099-1114.
- Sagarin, B. J. & Guadagno, R. E. (2004). Sex differences in the contexts of extreme jealousy. *Personal Relationships*, 11, 319-328.
- Sánchez Jiménez, V., Ortega Rivera, F. J., Ortega Ruiz, R. & Viejo Almanzor, C. (2008). Las relaciones sentimentales en la adolescencia: satisfacción, conflictos y violencia. *Escritos de Psicología*, 2 (I), 97-109.
- Sanders, S. A., Reinisch, J. M. & McWhirter, D. P. (1990). Homosexuality/Heterosexuality: An Overview. In McWhirter, D. P., Sanders, S. A. & Reinisch, J. M. (Eds.) *Homosexuality/Heterosexuality: Concepts of Sexual Orientation* (pp. ix-xxvii). New York: Oxford University Press.

- Scheinkman, M. & Werneck, D. (2010). Disarming jealousy in couples relationships: A multidimensional approach. *Family Process*, 49 (4), 486-502.
- Shackelford, T. K., Voracek, M., Schmitt, D. P., Buss, D. M., Weekes-Shackelford, V. A. & Michalski, R. L. (2004). Romantic jealousy in early adulthood and in later life. *Human Nature*, 15 (3), 283-300.
- Sheets, V. L. & Wolfe, M. D. (2001). Sexual jealousy in heterosexuals, lesbians, and gays. *Sex roles*, 44 (5/6), 255-276.
- Silva, L., Coelho, E., & Caponi, S. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, 93-103.
- Sviatopolk-Mirsky, V. V., Jurberg, P. & Jurberg, M. B. (2002). Ciúme romântico: evolucionismo e aprendizagem social. *Scientia Sexualis*, 8 (2), 65-88.
- Vilar, D. (2002). Falar disso: A educação sexual nas famílias dos adolescentes. Porto: Edições Afrontamento.
- Weill, C. L. (2009). Definitions. In Weill, C. L. (Ed.) *Nature's choice: what science reveals about the biological origins of sexual orientation* (pp.5-12) New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- White, G. L. (1981). Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality*, 49 (2), 129-147.
- Wolfe, D. A., & Feiring, C. (2000). Dating violence through the lens of adolescent romantic relationships. *Child Maltreatment*, 5, 360-363.
- Zani, B. (1993). Dating and interpersonal relationships in adolescence. In Jackson, S. & Rodriguez-Tomé, H. (Eds.). *Adolescence and its social worlds* (pp.95-119). U.K.: Lawrence Erlbaum Associates Ltd.

Anexos

ANEXO I

Questionário de Ciúme nas Relações Amorosas Adolescentes - QCRAA

Questionário sobre relações amorosas

O presente questionário faz parte de uma investigação no âmbito do mestrado em Psicologia, que tem como principal objetivo compreender opiniões/comportamentos dos/as jovens sobre diferentes aspetos das relações amorosas.

Este questionário é anónimo. Peço que leias e respondas atentamente e de forma sincera a cada questão. Não há respostas certas nem erradas, apenas quero saber a tua opinião. Os dados recolhidos são confidenciais e destinam-se apenas a tratamento estatístico global.

Se estás atualmente numa relação amorosa estável, peço que respondas às seguintes questões com base na relação atual.

Se não estás nesta situação, peço que penses na última relação estável.

Se nunca estiveste numa relação que considerasses estável, ou se nunca estiveste numa relação amorosa, peço que respondas com base naquilo que julgas que aconteceria.

Sexo: F M Idade: _____ Ano de escolaridade/ Ano de Licenciatura: _____

Estás atualmente numa relação amorosa? Sim Não Nunca estive

Se sim, há quanto tempo estás nessa relação? _____ meses

Consideras que essa relação é estável? Sim Não

Sexo do/a parceiro/a: F M

Seguem-se um conjunto de frases relacionadas com alguns aspetos das relações amorosas. Em cada questão assinala com X apenas uma opção, indicando a que mais se adequa ao que acontece/aconteceu/julgas que aconteceria na relação amorosa.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
01. Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a não ser sincero/a contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
02. Evitas situações onde o/a teu/tua parceiro/a possa conhecer alguém atraente (bares, concertos, festas, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
03. Tu e o/a teu/tua parceiro/a costumam insultar-se no quotidiano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
04. Agrides/já agrediste fisicamente o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
05. Ficas desconfiado/a se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
06. Ficas chateado quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
07. Pensas que o/a teu/tua parceiro/a é infiel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
08. Estes pensamentos influenciam a forma como vives a tua relação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
09. Preocupas-te com a possibilidade do/a teu/tua parceiro/a fazer algo sem te informar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Lês secretamente as SMS's do/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te abandonar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Sentes/já sentiste vontade de ser agressivo/a fisicamente com o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver emocionalmente com outra pessoa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
15. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode ir de férias sem ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sentes medo de não ser atraente/excitante para o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Preocupas-te com o tempo que o/a teu/tua parceiro/a despende nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Prestas atenção se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair à noite sem ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Costumas vigiar as comunicações do/a teu/tua parceiro/a (telemóvel, email, redes sociais)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentes medo de não satisfazer, ou não vir a satisfazer sexualmente o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Preocupas-te com os/as amigos/as que o teu/tua parceiro/a tem nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a sair com amigos/as atraentes que tu não conheces?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Já pensaste espiar secretamente o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Ficas chateado/a quando o/a teu/tua parceiro/a se arranja para sair sem ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Já pediste a alguém para vigiar o/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Vigias secretamente o perfil do/a teu/tua parceiro/a nas redes sociais (Facebook, Twitter, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Dizes ao/à teu/tua parceiro/a que não pode sair à noite sem ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a ter mais confiança noutra pessoa do que em ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Confirmas o que o/a teu/tua parceiro/a te diz (ex: perguntar a outra pessoa se o que ele/a te disse é verdade)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a te trair?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Preocupas-te se o/a teu/tua parceiro/a vai de férias sem ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a se envolver sexualmente com outra pessoa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Mexes nos objetos pessoais do/a teu/tua parceiro/a por desconfiança (ex: carteira, mala, computador, etc.)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Vigias o comportamento do/a teu/tua parceiro/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Quando te chateias com o/a teu/tua parceiro/a, costumavas insultá-lo/a?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Costumas controlar as roupas/maquilhagens/adereços que o/a teu/tua parceiro/a usa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Preocupas-te com a possibilidade de o/a teu/tua parceiro/a acabar a vossa relação para estar com outra pessoa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Sofres se o/a teu/tua parceiro/a falar com alguém atraente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigada, Cristina Santos.

* Documento escrito conforme o acordo ortográfico

ANEXO II

Exemplo do Pedido de autorização às Escolas



Exmo./a. Sr./a.

Diretor/a do Agrupamento _____

Dr./a _____

No âmbito da dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, área de Especialização em Psicologia da Educação, a mestranda Cristina Santos, sob a orientação da Prof^a. Madalena Melo, está a desenvolver uma investigação subordinada à temática do ciúme nas relações amorosas dos adolescentes.

Tendo em conta que o ciúme é um dos fatores predisponentes à violência nas relações amorosas dos adolescentes, será de extrema importância estudar as particularidades deste fenómeno. A concretização desta investigação implica que uma amostra de alunos do 12^o ano responda a um pequeno questionário, expressando a sua opinião relativamente a um conjunto de afirmações.

Para a realização desta investigação, torna-se imprescindível a colaboração da Escola que V. Ex.^a dirige, pelo que se solicita autorização para que os questionários possam ser passados aos alunos dessa escola. Salvaguarda-se que a investigação em causa não representa nenhum tipo de encargo financeiro para a instituição e que serão assegurados todos os procedimentos éticos na condução do estudo, nomeadamente o consentimento informado de todos os participantes. Informa-se ainda que já foi solicitada a necessária autorização à Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular, do Ministério da Educação. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica, e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos.

Esperando uma resposta positiva à autorização solicitada, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos.

Évora, maio de 2012

Mestranda: *Cristina Santos*

cristsf@gmail.com

Orientadora: *Madalena Melo*

mmm@uevora.pt

ANEXO III
Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória do
QCRAA

Scree Plot

